



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO ACADÊMICO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ANA PAULA ALVES DA SILVA

**(RE) ESCRITURAS BIOGRÁFICAS: TRAMANDO VIDA E OBRA DE PEDRO
AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2008**

ANA PAULA ALVES DA SILVA

**(RE) ESCRITURAS BIOGRAFICAS: TRAMANDO VIDA E OBRA DE PEDRO
AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2008**

ANA PAULA ALVES DA SILVA

**(RE) ESCRITURAS BIOGRAFICAS: TRAMANDO VIDA E OBRA DE PEDRO
AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO**

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regina Coelli Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB

2008

ANA PAULA ALVES DA SILVA

**(RE) ESCRITURAS BIOGRAFICAS: TRAMANDO VIDA E OBRA DE PEDRO
AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELO**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dr. Regina Coelli Nascimento
Orientadora

Profª. Dr. Rosilene Montenegro
Examinadora

Profª. Dr. José Beijamim Montenegro
Examinador



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

A Paulo Francisco da Silva e Maria de Fátima Alves dos Santos que dividiram comigo todos os melhores momentos da minha vida, transmitindo-me decisão e coragem diante dos momentos difíceis dessa e de outras caminhadas. A vocês, minha gratidão e meu profundo agradecimento.

A Antônio Marcos da Silva, por assegurar a tranquilidade necessária durante os meses de afastamento.

A Inês Maria da Silva o meu profundo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

- **A Deus**, pela vossa grandiosidade, pois durante todos esses anos me destes forças para eu vencer os obstáculos encontrados.
- **A minha orientadora** Prof^ª. Dr. Regina Coelli Nascimento, pela compreensão, paciência e sabedoria a mim dedicadas.
- **Aos mestres**, nossa grande gratidão àqueles que repartiram conosco seus novos conhecimentos contribuindo para a nossa formação profissional e pessoal.
- **Ao Professor Fábio Gutemberg (In Memoriam)**, o meu profundo agradecimento e eternas saudades.
- **À banca**, o meu respeito e admiração: Rosilene Montenegro e José Beijamim Montenegro aos professores a quem admiro pela capacidade e competência em desenvolver seu trabalho junto ao ensino e à produção histórica universitária. Recebam meus sinceros agradecimentos.
- **Aos meus familiares** Marinalva, Cleide, Luzia, Paulo Sérgio, José Francisco e Leandro, que me proporcionaram momentos de descontrações.
- **Agradeço a todas as pessoas** que ofereceram sua amizade e seu carinho fazendo com que minha estadia no campus universitário fosse prazerosa, me mostrando que a vida só é gostosa quando vivida em grupo de amigos iguais a vocês: Andréia, Ivone, Simone, Lindalva, Luciana, Socorro Lopes, Socorro Golveia, Ana Cláudia, Francisca, Marta Maurício, Espedita, Cleidimar, Damiana, Rosângela, Josiane, Maricele, Roseílda, Joselmo, Daniel, Gregório, Ebenezer e Denis.
- **Aos funcionários da casa** museu Pedro Américo, do museu Regional de Areia, da biblioteca da Escola Carlota Barreira, da biblioteca do Colégio Santa Rita.
- **Aos meus alunos** da Escola Municipal José Inácio de Miranda Pereira, muito obrigado pela compreensão.

“Quando estiver em dificuldade e pensar em desistir. Lembre-se dos obstáculos que já superou. Olhe para trás. Nunca se afaste de seus sonhos, pois se eles se forem, você continuara vivendo, mas terá deixado de existir”.

(Charles Chaplin)

RESUMO

A biografia vem sendo utilizada pelos historiadores como uma forma de compreender a história de vida do biografado. Sendo assim, a biografia na atualidade não é elaborada como antes, de forma tradicional, como uma simples narrativa linear dos fatos vividos pelo personagem escolhido. As pesquisas mais recentes, nesse campo de produção, mostram que os biógrafos estão seguindo os novos procedimentos metodológicos da produção historiográfica, problematizando as fontes documentáveis deixando de lado as afirmações e as certezas, reavaliando dados e fontes, procurando inserir a personagem no contexto em que viveu para uma melhor compreensão do biografado e da sua época. Assim procuramos proceder na construção dessa nova versão biográfica da vida do areense Pedro Américo de Figueredo e Melo (1843-1905), mostrando as várias faces do homem, pintor, romancista, filósofo, dando primazia à sua atuação na política, à luz da Nova História.

Palavras-chave: Biografia, Político, Problematização

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PRIMEIRO CAPÍTULO	
História e Biografia: narrativa de vida de Pedro Américo de Figueiredo e Melo.....	14
SEGUNDO CAPÍTULO	
Do nascimento de um menino pobre à descoberta de um artista de Areia: As várias narrações da infância de Pedro Américo.....	23
TERCEIRO CAPÍTULO:	
PEDRO AMÉRICO DE ALMEIDA: ARTISTA DE AREIA OU DO MUNDO?.....	42
1.1A Arte Experimenta a Vida: Surge um pintor brasileiro?.....	42
1.2 Pedro Américo: A trajetória política de um pintor.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

INTRODUÇÃO:

Este trabalho é o resultado de investigação de vida do pintor Pedro Américo de Figueiredo e Melo, destacando acontecimentos que marcaram a sua história durante a infância, maturidade artística e a sua experiência política durante o século XIX. Começamos analisando a influência que os seus biógrafos tiveram durante as suas narrativas construindo a imagem de Pedro Américo como filho “ilustre” perante a sociedade areense. Em seguida, questionamos a forma como esses biógrafos narraram à vida do pintor e problematizamos alguns acontecimentos que foram considerados importantes em sua vivência cotidiana.

A escolha da temática está associada ao gosto pela leitura, adquirido desde a infância. Ler contos infantis aguçava a minha curiosidade em saber quem os escreveu e por que muitas vezes o fim das histórias era tão doloroso para algum personagem. Obtive a oportunidade de um dia repassar os meus conhecimentos quando me tomei uma educadora no município onde moro Areia - PB. Foi através da educação junto com os meus pequenos aprendizes que começou a minha experiência com a leitura de histórias infantis. Pensando nisso, desenvolvi uma postura mais crítica e observadora na escolha dos livros e material didático, procurando aquele que melhor se adequasse à realidade do aluno. Na realização de cada pesquisa, observei que após a análise poderia transmitir para os alunos durante as aulas.

No mês de outubro de 2002 ingressei na Universidade Federal de Campina Grande e as leituras não eram mais os contos infantis, e sim aquelas que me norteariam para o crescimento profissional e pessoal. O contato com diversas obras incentivou-me a realizar um desejo pessoal e que também se tornaria profissional, que foi o de biografar a trajetória de um autor, pois, cada prova que fazia, seminário apresentado, resenha entregue, tudo isso exigia leituras. Para apresentar essas análises precisava conhecer um pouco sobre os autores, o que escreviam e sobre em que se baseavam suas obras. E isso, hoje concluo, já era uma análise biográfica, com menos requinte e menos aprofundamento.

Dessa forma, a idéia e o desejo surgiram durante a infância e foram aos poucos se firmando nos últimos semestres de minha graduação. Reconheci então,

minhas limitações, além de ter consciência sobre algumas posições a respeito do tema que havia escolhido, sem comentar nas críticas diárias de companheiros da academia, por dizerem que esta escolha era muito tradicional.

Mas, fui perseverante, quis mesmo assim continuar nesse trabalho com o desafio de fazer uma biografia sem que necessariamente repetisse a forma tradicional de se escrever biografias.

Certo dia, no final do Curso de História, procurei a professora Regina Coelli Nascimento de forma tímida, convideia-a para ser a minha orientadora, com receio de que ela não aceitasse o meu propósito de escrever sobre a história de vida de Pedro Américo. Para a minha surpresa, ela gentilmente aceitou, chamando-me atenção pra uma outra maneira de se construir uma biografia mais problematizadora, diferente da tradicional que fazia apenas narrar os fatos sem fazer questionamentos.

O desafio estava lançado e o os convido para juntos conferimos o resultado deste trabalho feito com muita coragem, fé e ousadia.

Durante esta pesquisa, senti dificuldades em desconstruir esta imagem de um personagem “ilustre” e de um cidadão que amava sua terra natal. Os biógrafos utilizados para esta análise identificaram o lado exemplar de Pedro Américo, escondendo as faces de um Pedro Américo que cometia atos inesperados e as vezes indesejáveis para seus companheiros.

No decorrer desta pesquisa, percebi que através de outras leituras realizadas sobre Pedro Américo, a sua imagem não era de indivíduo “perfeito” se somava a outra que nos apresentava um homem que tinha seus deslizos, sentimentos e angústia. Um brasileiro que foi acusado de ser traidor da “Pátria”, pelo fato de abandonar a sua terra de origem e não retratar nenhuma imagem que viesse a lembrar do seu torrão natal.

Em seguida, continuei a pesquisar e descobri que a figura de Américo começou a ser construída, especialmente no momento em que a cidade de Areia precisava de um “ícone”, conhecido, tanto no Brasil como no exterior, para que essa imagem fosse vendida. Assim, o artista Pedro Américo foi utilizado como meio para atrair turistas que saem dos vários recantos do mundo para visitar a cidade de Areia, levando e elevando o nome da cidade para outros lugares e dessa maneira, contribuindo para o crescimento econômico e cultural.

O artista Pedro Américo é considerado um personagem para a cidade de Areia, localizada no estado da Paraíba, graças ao desenvolvimento de sua arte pictórica. Destacou-se dos demais artistas plásticos da segunda metade do século XIX porque veio de uma família pobre. Durante a infância, foi descoberto por estrangeiros, recebeu o apoio do imperador, estudou na França tomando-se doutor e político.

Esta pesquisa tem como objetivo tentar entender na história, como a imagem de Pedro Américo foi construída por seus biógrafos, buscando através do diálogo com outros autores construir uma outra identidade para o artista, enfocando as diversas faces atribuídas nessas biografias. Além de artista plástico, Américo destacou-se poeta, educador, filósofo e também político.

A trajetória de sua vida foi biografada por autores brasileiros. Nessas trabalhos percebe-se que os autores privilegiaram suas atividades como artista plástico, esquecendo de outras atividades. Para esta pesquisa temos como referência os autores: José Manuel Cardoso de Oliveira, Horácio de Almeida e Lincoln Martins. Como referência teórica, utilizamos Giovanni Levi, Vavy Pacheco Borges e Pierre Bourdieu.

Assim, buscaremos revisitar momento da trajetória de Pedro Américo examinando essas biografias tomando como base os procedimentos metodológicos da pesquisa biográfica.

Organizamos o trabalho da seguinte maneira. No capítulo I denominado "História e biografia: narrativa de vida de Pedro Américo de Figueiredo", analiso a importância da biografia para o estudo da história, apresentando em linhas gerais que a biografia não é mais escrita de forma tradicional e sim problematizada diante dos acontecimentos da vida de um indivíduo.

O II capítulo foi intitulado "Do nascimento de um menino pobre à descoberta de um artista de Areia: as várias narrações da infância de Pedro Américo". Neste capítulo problematizamos como as biografias narraram à infância do pintor, questionando a maneira como os biógrafos construíram a imagem de um menino "prodígio" de Areia, no intento de mostrá-lo como uma criança que se distingue das demais, possuidora de talentos e por isto predestinado a ter um futuro de conquistas. Sendo Assim encontramos uma face humanizada de Pedro Américo, como ser humano

que possuía sentimentos, angústias, desejos, sonhos e falhas como uma criança normal de sua idade, e não um ser com um destino preparado.

O capítulo III foi segmentado em duas partes: “Pedro Américo de Almeida: artista de Areia ou do mundo”. Esse último capítulo busca analisar a maturidade de um Pedro Américo, determinado e colocado por seus biógrafos como uma figura ímpar no cenário cultural brasileiro. Dessa forma o nosso objetivo é mostrar que mesmo sendo um homem de renome mundial, existiam pessoas que não concordavam com algumas atitudes do pintor, lançando uma séria de críticas. E por fim, analisar as experiências políticas de Pedro Américo como deputado federal, questionando alguns de seus projetos apresentados na Câmara, assim como observar, nos discursos por ele proferidos, algumas idéias e opiniões apresentadas pelo inexperiente político Pedro Américo.

Capítulo I: História e Biografia: narrativa de vida de Pedro Américo de Figueiredo e Melo.

A biografia histórica, hoje reabilitada, não tem por vocação esgotar o absoluto do "eu" de um personagem, como já se quis e ainda se quer. [...] Ela é o melhor meio de mostrar os laços entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade e de experimentar o tempo como prova de vida, [...] A biografia é o local por excelência da condição humana em sua diversidade¹.

Pretendemos neste capítulo discutir a importância da biografia para os estudos históricos, que hoje se configura como uma das possibilidades para escrever a história num momento em que novas possibilidades de leituras biográficas surgem em torno de sujeitos históricos. Dizemos então, que a biografia tem um papel fundamental para a compreensão de uma época.

Aplicar à pesquisa biográfica as novas concepções historiográficas significa trabalhar com a metodologia de pesquisa biográfica contemporânea e ter por intermédio os procedimentos que vêm sendo sugeridos entre pesquisadores brasileiros e pela historiografia inglesa, francesa e italiana, desde os anos de 1980. É através dessa proposta metodológica que revisaremos os textos escritos sobre Pedro Américo de Figueiredo e Melo.

Neste estudo teremos como preocupação aproximar História e Biografia para tentamos nos aproximarmos dos textos de Pierre Bourdieu, Giovanni Levi e Vavy Pacheco Borges que em seus estudos trabalham nesta área de pesquisa servindo de referência necessária para os interessados nos estudos de biografias históricas, visto que tratam da ação dos indivíduos e do problema da racionalidade humana.

A partir de suas contribuições teóricas podemos perceber que esses pesquisadores não prescrevem uma regra para se escrever sobre biografia, mas apresentam caminhos possíveis para o início de uma pesquisa, de forma a torná-la um trabalho de história que, ao mesmo tempo, seja atraente para os leitores. Segundo Borges, antes de serem apresentadas as novas discussões sobre as biografias, elas

¹BORGES, Vavy Pacheco. "Grandezas e Misérias da Biografia". IN: FERREIRA, m. DE Moraes & AMADO, Janaina (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 216

eram escritas em forma de narrativas, não permitindo que o autor dialogasse com a história da vida do biografado, para preencher esta lacuna, foram criadas outras possibilidades de análises biográficas, permitindo ao escritor não se prender a uma simples narrativa e sim problematizá-la através de documentos escritos, no decorrer da discussão e dos acontecimentos históricos. Vale ressaltar que não existem regras para escrever a história de uma pessoa, sendo de livre arbítrio suas argumentações. Conforme Borges:

(...) não existem regras e métodos indiscutíveis para se escrever a história de uma vida, ou seja, para se produzir uma biografia. Não deixamos de salientar dentre esse meio existem problemas a serem enfrentados que são semelhantes aos que precisamos encarar em qualquer trabalho de pesquisa histórica.²

Podemos perceber que na atualidade a biografia é utilizada como fonte para o estudo da história, pois, é através da leitura de uma biografia que analisamos os acontecimentos da época e da sociedade em que o biografado viveu. Para compreendermos as histórias de vida de Pedro Américo foi necessário aceitar tal desafio, localizando fatos de sua vida, em obras de escritores que por algum motivo aceitaram biografá-lo. Para problematizar alguns momentos vividos por Pedro Américo realizamos uma seleção destacando acontecimentos que consideramos significativos sobre sua vida. De acordo com Vavy Pacheco Borges:

Os acontecimentos que podem ser vistos como menores na vida de um indivíduo são mais difíceis de ser relacionados: que detalhe enriquece a interpretação? Qual é meramente, anedótico? O que pode ser visto como simbólico? O que é aleatório? Uma vida individual imbrica-se com os grandes acontecimentos de sua época e a presença de todo o tipo de fatores (políticos, econômicos, culturais etc), e percebida na vida da pessoa, esses só devem entrar na narração do historiador biografado se marcaram essa vida. É ainda uma colaboração importante, quando começa a nossa história? Nas origens familiares, no nascimento do biografado? E pode a morte ser considerada o final? José Luiz Borges disse: "Um homem só está verdadeiramente morto a não ser quando morra o último homem que ele conheceu. A memória familiar, pode (ou não?) ser fundamental, quando a memória que faz parte do domínio público, não há dúvida sobre sua importância para o trabalho do historiador."³

² Idem, p. 220

³ Idem, p. 221

Segundo Borges, é necessário questionar a vida do biografado para que o trabalho possa ganhar um teor de autenticidade. Por isso é preciso ter coerência no que se escreve e convicção no percurso da pesquisa. Não necessariamente devemos descartar os acontecimentos que consideramos como “insignificantes”, pois mesmos nas “miudezas” dos fatos podemos encontrar aspectos relevantes que possam ajudá-los a caracterizá-lo em sua fase de mais auge ou sua ligação com a história. Assim, pretendemos analisar o indivíduo em sua trajetória, suas origens, sua personalidade seu contexto. Escrever sobre a trajetória de um ser único, é criar identidades diante dos fatos, é analisar a vida através do testemunho de outras pessoas. Segundo Borges:

(...) para que um trabalho como esse seja elaborado encontram-se muitas dificuldades em relação a família dos biografados, pois especificamente nem sempre os familiares estão abertos ao diálogo, nem sempre permitem que tenha acesso às fontes, ou concordam com as interpretações do biografado⁴.

No nosso caso não existe nenhum familiar de Pedro Américo para que possamos interrogá-lo, há fontes que não podemos ter acesso já que se encontra em sua casa e fica sobre proteção do patrimônio histórico.

No levantamento de dados sobre a história de vida, o historiador desempenha um papel importante, pois o sentido que ele conferir ao objeto de estudo será determinante para compreendermos e nos apropriarmos de um indivíduo e de uma época. Os problemas que envolvem a interpretação de uma vida são riquíssimos, pois, nos defrontamos com tudo o que constitui nossa própria vida e as daqueles que nos cercam.

De acordo com BORGES não se deve interpretar uma vida buscando-se uma unidade, uma racionalidade, uma linearidade. Ao se procurar entender a vida de uma pessoa, deve-se ficar atento a todos os seus aspectos e não a um só deles, uma vez que no percurso de uma vida todos os papéis se entrelaçam.

A biografia pode ser comparada a um livro em que um estranho faz seus rabiscos. Depois que morremos nossa história passa as mãos dos desconhecidos. O biógrafo não se vê como alguém que toma essa vida emprestada. Mas como ser novo proprietário, com o direito de escrever e sublinhar onde quiser.⁵

⁴ Idem, p. 222

⁵ Ibidem p. 225

As melhores biografias são aquelas em que o autor não se esconde, mas constrói a narração certa acompanhando seu percurso de objeto. Assim, para Borges:

(...) a cronologia toma-se de extrema importância para ordenação dos fatos, porém é necessário se ter um cuidado para que a vida do biografado possa ser fatiada de forma a apresentar um sanduíche, alertamos o autor de que não existem métodos definitivos para a escrita de uma biografia, esta relação biógrafo e biografado se relativiza quando anunciado o foco da pesquisa, existem interesses próprios e motivações particulares de pessoa para pessoa.⁶

Sendo assim, o que é notório na pesquisa biográfica é o conhecimento do contexto social do biografado familiarizando-se com quais sensibilidades a vida lhe proporcionou entrar em contato, para então sentir segurança em narrar e problematizar fatos de sua vida, que são de interesse do pesquisador. Giovanni Levi apresenta uma outra abordagem sobre a biografia se referindo num primeiro aspecto, às relações entre história e narrativa, em que diz que a biografia constitui na verdade o canal privilegiado dos quais os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. Livre dos obstáculos documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciam os historiadores. Essa influência transformou-se em problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram a historiografia diante dos obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis: a propósito, por exemplo, dos atos e do cotidiano, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico de sua constituição.⁷

Conforme Levi, durante o século XVIII, Tristran Shandy, de Sterne, foi considerado o primeiro romance moderno por retratar uma biografia individual. Pode se acrescentar que o diálogo entre Tristram, o autor, e os leitores são um dos traços característicos do livro. Diderot era um grande admirador de Sterne e concordava com a sua concepção de que:

A biografia era incapaz de captar a essência de um indivíduo. Não que rejeitasse o gênero biográfico, entendia mais precisamente que a biografia, era incapaz de ser realista, tinha uma função pedagógica na medida em que

⁶ *Ibidem* p. 225

⁷ LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". IN: FERREIRA, M. de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.) Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 169.

apresentava personagens célebres e revelava-lhes as virtudes públicas e os vícios privados.⁸

Assim, Levi explicita que a nova dimensão que a pessoa assume com uma individualidade não foi, portanto, a única responsável pelas perspectivas recentes quanto à possibilidade ou impossibilidade da biografia. De modo sistemático, a própria complexidade da identidade, sua formação progressiva e não-linear e suas contradições se tomaram os protagonistas dos problemas biográficos com que se deparam os historiadores. A biografia continuou a desenvolver-se, mas de forma cada vez mais controversa e problemática, relegando ao segundo plano, aspectos ambíguos e irresolutos que parecem constituir hoje um dos principais focos de confronto na paisagem historiográfica.⁹

Segundo Levi, os historiadores fascinados com a riqueza das trajetórias individuais e ao mesmo tempo sendo incapazes de dominar a singularidade da vida de um indivíduo, levou os historiadores modernos a abordar o problema biográfico de maneiras bastante diversas.

Nessa ótica, as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais freqüentes. Portanto, não se tratam das biografias verídicas, porém mais precisamente de uma utilização de dados biográficos para fins prosográficos. Os elementos biográficos que constam das prosografias só são considerados historicamente reveladores quando têm alcance geral.¹⁰

Através da visão de Levi, podemos dizer que as biografias só atingem interesse quando enfocam os comportamentos intercalados com as condições sociais mais presentes, sendo assim, a esse tipo de biografia, poderíamos chamar de modal. As biografias individuais servem para ilustrar formas típicas de comportamento ou status, apresentam muitas analogias com a prosografia: na verdade, a biografia não é nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo.

⁸ *Ibidem*, p. 171

⁹ *Ibidem*, p. 173

¹⁰ *Ibidem*, p. 174

Vale enfatizar que para tornar interessante uma tentativa de reconstituição da biografia de seus primeiros anos, é indispensável ampliar tanto quanto possível em torno do biografado o número de pessoas e de movimentos com os quais ele entrou em contato, com o seu meio, multiplicar os exemplos de outras vidas que tenham algum paralelo com a sua, fazer reviver em torno dele outras pessoas jovens.

Levi explicita que devemos abordar o material biográfico de maneira problemática, rejeitando a interpretação unívoca das trajetórias individuais, estimulando a reflexão entre historiadores levando-os a utilizar as formas narrativas de modo disciplinado e a busca comunicação mais sensível ao caráter aberto e dinâmico das escolhas e das ações.

A nossa pretensão é a construção de uma história de vida que não desvincule o sujeito histórico individual do plano coletivo em que este está inserido.

Este trabalho trata de um estudo baseado em fonte biográfica, intercalando a história através do entendimento de que as construções biográficas estabelecem uma relação histórica como parte integrante da análise histórica da trajetória do artista Pedro Américo. Nessa pesquisa utilizaremos as biografias sobre Pedro Américo escritas por: Cardoso de Oliveira, Horácio de Almeida e Lincoln Martins, sendo assim, destacamos alguns aspectos que consideramos significativos para nossa análise.

A primeira biografia de Américo foi escrita pelo embaixador José Manuel Cardoso de Oliveira, genro de Pedro Américo "Suas vida e suas obras". Esta obra apresenta vinte e cinco capítulos que vão desde a infância até as comemorações de centenário de nascimento de Pedro Américo. Foi escrita em 1898 e reescrita no ano de 1943. Durante o ano de 1993, na passagem de sesquicentenário de seu nascimento, o paraibano Humberto Lucena colaborou para uma reedição fac-símile desse texto. Percebe-se que Cardoso de Oliveira considera Pedro Américo como um gênio pelo talento, mestre pela sabedoria, modelo pelas virtudes. O autor alega que a criatividade e sensibilidade eram de um homem predestinado. Através desta visão de Cardoso, podemos dizer que os acontecimentos da vida do menino serviram de ligação para justificar a construção de sua identidade como pintor. Vários acontecimentos e episódios foram comentados pelo biógrafo em torno do seu futuro artístico.

Na parte problematizada “Orientação Artística, Filosófica e Científica”. Primeiras telas e obras Literárias”, Cardoso de Oliveira destaca a viagem do artista para a Europa, as pinturas e os textos que Pedro Américo escreveu e justificam a necessidade que o pintor tinha de aperfeiçoar sua arte.

Para Cardoso a relação do pintor com D. Pedro II, começou em 1864, quando o governo imperial não deu auxílio para que pudesse ter condições para voltar ao Brasil depois de ficar muito tempo no exterior concluindo seus estudos. E acrescenta:

Os desafetos do ilustre artista manobraram sempre muito calculadamente, no intuito de amesquinhar-lhe o valor próprio, fazendo-o passar por um mero favorito, quando na realidade ele teve que sustentar heroicamente tremendas lutas com a adversidade, e medir as suas forças com a miséria e a fome, para subir ao glorioso pedestal a que se elevou pela própria iniciativa.¹¹

De acordo com as discussões de Cardoso, podemos citar que essa idéia de um Pedro Américo favorito de D. Pedro II partiu dos adversários políticos para poderem desqualificar o trabalho do pintor. Esta é uma estratégia do autor para tentar justificar seu passado como um indivíduo que conseguiu vencer na vida a partir de seu esforço particular e não por favoritismo do administrador imperial.

A segunda biografia de Pedro Américo “Notícias Biográficas”, foi escrita no ano de 1843, por Horácio de Almeida, patrono do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Sua obra encontra-se subdividida em duas fases: Pedro Américo – Notícias biográficas e Pedro Américo – desassossego de sua vida. Nas “Notícias Biográficas, Almeida descreve sobre seu nascimento, prêmios recebidos pelo pintor e também sobre sua formação e afirma que Pedro Américo foi uma vítima da fama falsa, por passar como favorito ou protegido pelo imperador. Por isso dizia:

D. Pedro deixava transparecer sinais de proteção, mas na realidade nunca procedeu em conformidades com as aparências. Deixava-o pelo contrário, em crise contra a animosidade do meio. É fora de dúvida que lhe deu educação por conta do Estado e uma pensão na Europa por cinco anos para o aperfeiçoamento dos seus estudos. Mas, antes de Pedro Américo outros artistas brasileiros gozaram de igual favor, como pensão na Europa por conta do Estado. Antes dele tiveram o prêmio de viagem ao velho mundo Grandjean, Agostinho da Mota, Vítor Meireles, Almeida Júnior e muitos outros que pela República adentro continuaram a participar desse favor legal.¹²

¹¹ OLIVEIRA, José Manoel Cardoso de. Pedro Américo, sua vida e suas obras. Brasília. Ed. Senado Federal, 1943.

¹² ALMEIDA, Horácio. Pedro Américo, notícias biográficas. João Pessoa: União Editora, 1943. p. 31.

Almeida afirma que esse favoritismo foi uma forma encontrada por seus adversários para desqualificar o trabalho de Pedro Américo, ele chegou a essa argumentação através da maneira contraditória com que Pedro II se relacionava com o artista, segundo as informações de Cardoso Oliveira.

Na segunda parte: *Em desassossego de sua vida está certificado que ainda menino, aos onze anos de idade saiu de Areia, sua cidade natal, para vencer a vida.*¹³ Foi neste momento que Pedro Américo foi respeitado nas múltiplas atividades de um talento cheio de complexidade, como poeta, ficcionista, filósofo, parlamentar e pintor. Deixou marcas por todos esses campos, mas onde verdadeiramente se firmou foi como artista de paleta.

A força do artista estava na opulência da sua paleta, no segredo de suas tintas. "Américo esboça a figura, diz Duque Estrada, tal como ela se apresenta na sua imaginação, dá-lhe cor. Não é uma cor convencional, preparada, premeditada, escolhida, não, é a cor de que ela precisa para viver, que ela deve ter para mover-se. Como branco passa o cinzento, mistura-se o azul, justapõe-se o verde, e vem o negro, e o amarelo, e o violeta. Toda a paleta, se preciso for, todas as tintas se a necessidade o exigir, contando que a figura palpite, viva, desempenhe a sua ação."¹⁴

Desse modo, Almeida relata as viagens feitas por Pedro Américo para fora do Brasil como causadas pelos seus adversários que tomavam a vida do pintor no Brasil difícil uma vez que mencionavam que o artista era muito convencido, falava muito de si, do seu valor, do seu trabalho. Duque Estrada notaria esses defeitos, ao passo em que reconhece as suas virtudes, a largueza do seu coração e o vigor incomparável da sua inteligência. Até nos livros que escreverá, o areiense falava de si com transbordamento d'alma. E aparecia quase sempre como vítima das injustiças humanas.

Esta biografia foi escrita pelo jornalista Lincoln Martins sobre Américo através de uma parceria entre a Fundação do Banco do Brasil e o Governo do Estado da Paraíba, na época era Cícero Lucena Filho. Essa obra foi dividida em vários momentos: "O menino prodígio de Areia", "A maturidade do Artista", "O solitário de Florença"¹⁵ Esta pesquisa narra aspectos que marcaram a vida do artista.

¹³ *Ibidem*, p. 32

¹⁴ *Ibidem*, p. 73

¹⁵ Cf. MARTINS, Lincoln. Pedro Américo, pintor universal. Rio de Janeiro: FBB, 1994.

Capítulo II

Do nascimento de um menino pobre à descoberta de um artista de Areia:

As várias narrações da infância de Pedro Américo

Areia impressiona menos aos estrangeiros pelos seus habitantes, cujos costumes são simples e brandos, pelo seu clima temperado e saudável, pelos seus frutos suculentos e saborosos, do que pela formosura de suas mulheres, freqüentemente louras pela sua tendência á elegância e ao progresso e principalmente pela sua situação geográfica. Eminentemente própria para desenvolver a sensibilidade e a melancolia.¹⁹

Areia, terra que inspirou muitos escritores, admiradores e estrangeiros, por sua paisagem pitoresca, cujo verde é presença constante em quase todos os espaços que perpassam esta cidade, de clima ameno e de pessoas de vivência e costume simples, esta é a Areia que o pintor Pedro Américo descreveu no seu livro o *Holocausto*,²⁰ momentos quase que únicos em que faz referência a cidade natal, esquecida em suas pinturas e pouco privilegiada em suas obras. Cidade que fez nascer um artista de renome nacional e mundial, mas que não encontrou no próprio habitante, um representante fiel desta localidade.

Em 29 de abril de 1843, não veio apenas ao mundo, o menino Pedro Américo, mas os autores que biografaram o pintor fizeram nascer um homem ilustre, de dotes e talentos incomparáveis a qualquer outro habitante de sua tenra idade. E ao mesmo tempo, a cidade de Areia, na necessidade da construção de um nome de destaque, fez nascer um ícone que pudesse representá-la em diversos momentos, na literatura, na pintura e na escultura, e que não deixou morrer a sua imagem de homem guerreiro que saiu de sua localidade para conquistar o mundo, por possuir habilidades especiais para uma criança que vivia num ambiente simples. Saberes que foram constatados ainda na infância e que causavam a admiração de seus conterrâneos, pessoas que o viram nascer e que assistiram à ascendência artística e política do menino Pedro Américo. Não só Daniel Eduardo de Figueiredo e Felicina Cime e Neto, seus pais, admiravam a

¹⁹ Apund. ALMEIDA, José Américo de. Pedro Américo: Potente Engenho da Pintura (1843-1905). João Pessoa. Editora União, 1943. p. 5

²⁰ MELO, Pedro Américo de Figueiredo. *Holocausto*. Florença: Tipografia Cenniniana, 1982.

destreza de seu filho, os moradores de Areia também sentiram orgulho do filho ilustre que se destacou no cenário nacional e internacional.

Pedro Américo tomou-se uma referência para a cultura de Areia, hoje com alguns prédios tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional), e para consagrar a memória do pintor, os administradores da cidade dedicam em conservar um Museu: *Casa de Pedro Américo*, constantemente visitado por turistas de todo o país e também do mundo. Nele se encontram um considerável acervo de livros, artigos referentes ao pintor e réplicas da maioria de suas pinturas, mas nenhum original.

A literatura contribuiu para a construção da obra de Pedro Américo. Em nossa pesquisa percebemos que a maioria das obras que referenciam Pedro Américo se aliam na tentativa de enaltecer a imagem do pintor areiense, quase como uma unanimidade em reconhecê-lo como um homem, com figura perfeita para representar a cidade de defeitos imperceptíveis aos olhos de quem escreve. São muitas as obras que encontram em Pedro Américo, o menino simples que conviveu por nove anos, numa situação desfavorável, sem condições para manter seus estudos. Uma criança que por suas habilidades, conseguiu ser admirado por estrangeiros, e por conta disso alcançou um lugar de destaque no cenário brasileiro republicano. Para estes escritores, não existe em Pedro Américo, um só defeito que se possa observar, ao longo de sua vida. Um ser quase perfeito que, aos olhos dos escritores, só fez o bem e nunca falhou na vida.

Neste trabalho buscamos analisar algumas obras de autores que escrevem sobre a vida de Pedro Américo como: Horácio de Almeida, Cardoso de Oliveira e Lincoln Martins. Dessa forma problematizaremos como esses autores constituíram imagens sobre a fase adulta de Pedro Américo de forma a considerá-lo como um homem desprovido de defeitos, apenas com qualidades e virtudes.

Nas narrativas de Almeida, Oliveira e Martins, Pedro Américo teve uma infância semelhante a outras crianças até os nove anos de idade, quando Areia era apenas um vilarejo da província da Paraíba, dotada de uma paisagem natural, com uma vegetação que cobria a terra, de mato verde, de árvores gigantescas. Para onde olhassem, os

habitantes viam os campos cobertos de lavouras, onde o engenho de moer cana, movido ao passo ronco das juntas de boi, rangia de quebrada em quebrada.

Em Horácio de Almeida, encontramos um panorama da cidade de Areia no século XIX, destaca inicialmente que a mesma foi elevada à categoria de vila em 1815 e já em 1822 foi instalada na cidade, a primeira escola primária. O autor também enfatiza a criação do teatro Minerva, inaugurado em 1859, com a finalidade de nuclear artistas amadores, justificando que foi uma iniciativa do professor Joaquim da Silva e José Evaristo que influenciaram o desenvolvimento das representações da cultura local.

Horácio de Almeida, como um escritor que viveu as experiências de seu tempo, possibilitou a construção de uma obra que não tinha preocupações em estabelecer uma leitura crítica e problematizadora da cidade de Areia, sua intenção era apenas descrever aspectos da cidade de forma global, e superficial. A sua escrita era intencional, pois estava a serviço do Instituto Histórico Geográfico Paraibano, visto que as motivações desta instituição era de produzir uma história que envolvesse os grandes eventos históricos, e as grandes personalidades que se destacaram naquela localidade, demarcando a partir daí um lugar para a cidade, que possui um começo e uma trajetória de vida.

Porém, mesmo sendo uma história de cunho tradicional, ela contribui para que muitos momentos não se tomassem esquecidos, logo, para os pesquisadores em História e outras disciplinas toma-se um material, uma fonte rica que pode dialogar com outros documentos e suscitar outras tomadas de posição e novos questionamentos a respeito do que se deseja pesquisar. Desta forma, os autores aqui estudados, preconizaram informações que estavam na ordem do dia, como a ascensão e declínio econômico, o desenvolvimento cultural, a carência de recursos, a fome e as doenças que assolaram a província. Desta forma, podemos perceber de forma genérica, informações que hoje possuem um grau particular de importância, para aqueles que desejam percorrer e aventurar outros caminhos.

Almeida foi um dos escritores que se preocupou em elaborar uma narrativa sobre a cidade natal do pintor, sempre preocupado em caracterizar imagens de Areia que justificasse que para ele não faltavam cenários para que o artista pudesse se inspirar e se tomar poeta e pintor. O autor localiza geograficamente a cidade de Areia

caracterizando-a de forma romaneada, dizendo que o alto da Borborema onde Areia está situada foi o local em que residiu o artista Pedro Américo de Figueiredo e Melo, numa casa na Rua do Sertão de número 66, contando apenas uma porta e duas janelas de frente e o quintal, caído para a gruta do Quebra,²¹ onde, depois, o seu tio o velho Tristão Granjeiro de Almeida e Melo fez construir um famoso banheiro público, *ponto predileto de suas primeiras recreações.*²²

A casa onde Pedro Américo passou a infância com seus familiares permanece na mesma localidade, porém seu uso é diferenciado, não mais é o lugar do encontro entre a família e amigos. Hoje o nome da rua foi modificado para “Rua Pedro Américo de Figueiredo e Melo” dando sustentabilidade à vazão alcançada pelo artista, que atualmente é considerado como um dos símbolos representacionais da cidade de Areia, sendo sua imagem divulgada para o Brasil e para o mundo. A casa de Pedro Américo, atualmente transformada em museu, continua com a mesma arquitetura de quando o pintor nela residia, passando apenas por algumas reformas com o intuito de adaptá-la para dar espaço a um lugar de visitas, como podemos observar na imagem abaixo:

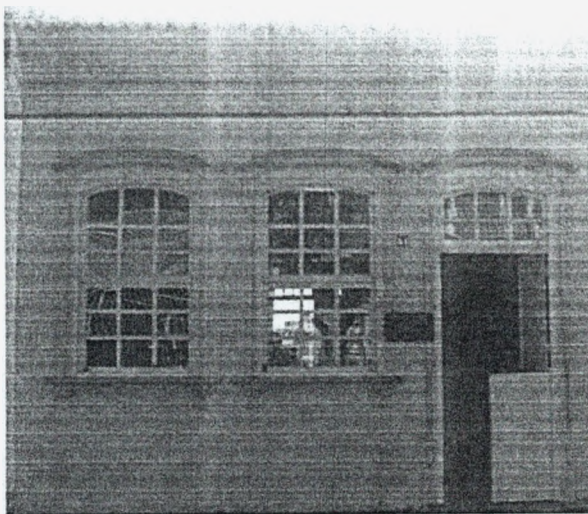


Foto 1: Casa Museu Pedro Américo
Foto: Vanessa Silva

²¹ O Quebra era um local de lazer, onde as pessoas iam desfrutar de banhos, beber e dançar, era também frequentado por turistas. Atualmente se encontra desativado.

²² *Ibidem*, p. 26

A residência de Pedro Américo foi transformada em museu passando a ser chamada de “*Casa Museu Pedro Américo*”, em 29 de abril de 1943, data da comemoração de seu aniversário, passando a prefeitura a ser a principal responsável pela sua manutenção, reformas e pagamento de funcionários. A casa há muito tempo não é mais a mesma, dos ares de simplicidade de uma típica casa de família, agora restam dois cômodos, e em vez de utensílios de uma moradia comum, encontram-se guardados alguns objetos e documentos. As experiências vividas do dia a dia foram substituídas pelas visitas freqüentes de turistas, pesquisadores e curiosos.



Foto 2: Parte interna da Casa Museu Pedro Américo
Foto: Vanessa Silva

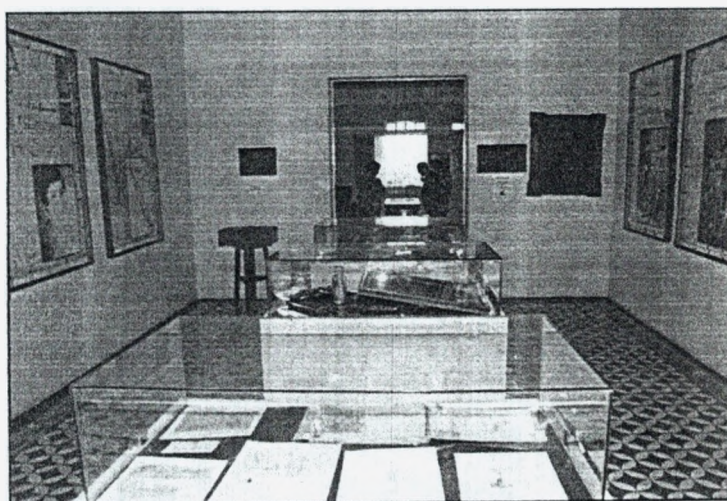


Foto 3: Parte interna da Casa Museu Pedro Américo
Foto: Vanessa Silva

Os moradores de Areia não hesitaram em guardar algumas recordações do pintor, não deixou também de partilhá-la com seus visitantes, mesmo sabendo que o mínimo de sua vida artística é encontrado na casa que o homenageia. A cidade se orgulha em possuir um pequeno museu contendo representações de vários quadros por ele produzidos. São 29 reproduções e nenhum original do pintor. Pouco da experiência de Pedro Américo é encontrada em sua casa: alguns pincéis, fotos da cidade de Areia na época de vivência do pintor e um acervo biográfico contendo obras e artigos de biógrafos e críticos de sua obra.

Os areienses se orgulhavam de seu filho “prodígio” chegando ao ponto de quarenta anos depois de sua morte, em 1943 lembrarem-se de suas proezas. Para Areia, a homenagem surge num momento em que a cidade necessitava de um símbolo que marcou a história, uma marca de registro turístico, de uma localidade que não conseguia sustentar sua ânsia de progresso.²³

Pedro Américo não viveu esta fase de dificuldade alcançada pela cidade no começo do século XX, ele conhecera a sua terra vivendo um período de desenvolvimento, que surpreendera as demais cidades vizinhas. quando nasceu, Areia já possuía uma capela, hoje a atual Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Na época, ela se destacava dentre as demais do Estado. Do ponto de vista arquitetônico, segundo Almeida, quando o pequeno pintor começara a frequentar a Igreja, ela era apenas um casarão de palha, atravessado no meio da rua. Foi coberta por telha em 1808 depois de ter passado por várias reformas. A Igreja constantemente visitada por Pedro Américo e sua família, somente ganhou opulência depois de sucessivas reformas, e hoje ela é um dos pontos de destaque da cidade e de observação de turistas e visitantes.

²³ Cf. Almeida, p. 100



Foto 4: Igreja da Matriz Nossa Senhora da Conceição
Foto: Vanessa Silva

A Igreja representou para a família de Pedro Américo, o lugar das reflexões e das orações, que se mostravam constantes para uma família de católicos praticantes.²⁴ ²⁴Todavia, os momentos sagrados junto à família não se limitavam às orações na igreja, e às missas celebradas pelo Padre Chacon, mas aos prazeres de uma cidade interiorana do final do século XIX, que proporcionava alegrias e satisfações, que iam de um passeio na praça às brincadeiras de rua, conversas entre amigos e festas de padroeira. ²⁵ Com o menino Pedro não era diferente, ele conviveu observando e participando dos momentos de festejos e alegria, mesmo sabendo que numa cidade pequena, os divertimentos são poucos, e as possibilidades, escassas. Contudo, a sociedade areiense não deixou de vivenciar as festas nos clubes de dança, as apresentações²⁶ das bandas de músicas e dos grupos de teatro, de forma intensa e significativa.

Naquele período, as representações femininas nas peças teatrais eram executadas por jovens do sexo masculino, o que demonstrava como a sociedade areiense do século XIX construía lugares definidos para as figuras femininas da época, demonstrando que Areia era uma cidade conservadora, e paternalista. Almeida ainda destaca a existência de um segundo teatro na cidade, que acaba surgindo mediante a cisão da sociedade dramatúrgica, onde uma das alas deu origem a uma improvisada

²⁴ Idem, p. 100

²⁵ Idem, p. 102

²⁶ Idem, p. 111

casa de espetáculo, conhecida como Teatro popular, *gerando intrigas e um intenso clima de rivalidade entre ambos os teatros.*²⁷

Segundo Almeida, Areia possuía uma escola de música e canto, fundada por Manuel de Cristo Grangeiro e Melo, homem influente na cidade que era compositor sacro, avô de Pedro Américo. As bandas de música existentes na cidade, conservavam uma rivalidade de início pacífica, mas que com o passar dos anos criou-se um clima de intensa hostilidade, dois grupos inimigos que brigavam para brilhar durante a festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, momento em que as duas filarmônicas se encontravam.

Os jornais que circularam na cidade em meados do século XIX era o *Areiense* de 1877, *O Século* de 1883, *A Educação* de 1886, *A Verdade* de 1888, *A Escola* de 1890, *O Democrata* de 1892, *O Mosquito* de 1894, *Liberdade* de 1895 e *Cidade de Areia* de 1899.

Areia é descrita por Horácio de Almeida como uma cidade de florescência artística e cultural, destacando-se de toda a Paraíba, afinal a pequena localidade tomara-se cidade antes mesmo de Campina Grande, e já na segunda metade do século XIX, possuía teatro, Igrejas, filarmônicas, grupos de teatros e jornais em circulação. Todo este progresso cultural fez de uma pequena cidade um centro de experiências artísticas, entra em declínio, o comércio e a economia que antes era uma referência, ficaram sepultados ao ver outras cidades crescerem como a própria Campina Grande, ficando vagamente esquecida entre as cidades mais importantes do Estado.

Este foi o cenário que o menino Pedro vivenciou nas primeiras fases de sua vida, pois quando a cidade foi emancipada em 18 de maio de 1846, ele tinha apenas 5 anos de idade, e conseguiu junto aos conterrâneos de sua época viver alguns acontecimentos, tragédias sociais, pronunciamentos revolucionários, como a Rebelião Praieira, Revolta de Quebra-Quilos e o escândalo social do caso Carlota.

Nas biografias escritas por Martins, Oliveira e Lincoln dão ênfase a vários momentos que marcaram a caminhada de Pedro Américo no decorrer de sua vida como: infância pobre, descoberta de estrangeiros, progressão nos estudos, ascensão

²⁷ *Ibidem*, p. 27

artística, travessuras, talento, a criança “prodígio”. As informações contidas nos três autores analisados são similares, a leitura de uma das obras direciona as demais. A versão contada por um não se diferencia na versão narrada pelos demais, são muitas das semelhanças existentes nos narradores de Pedro Américo.

Em Lincoln Martins, um dos pontos marcantes na infância do menino Pedro Américo, foi sua aptidão para a música, *parecia que a música seria o destino certo para o menino*,²⁸ visto que, logo cedo o avô começou a ensinar-lhe a arte musical e o canto, e não demorou muito o menino destacou-se no coro da Igreja aos domingos, dias de folga no trabalho que já executava como ajudante no balcão do pequeno negócio do pai.²⁹

E ainda muita criança, mal aprendera a andar e brincar, já Pedro Américo modelava bonequinhos, figuras de gente, de bichos em miolo de pão. E tão bem criados eram esses bonecos, que muitos visitantes chegaram pôr em dúvida, sua autoria.³⁰

Pedro Américo não é apresentado apenas como um artista pintor, mas como músico e ainda como artista plástico, nessa citação, o trabalho do menino coloca em dúvida sua autoria, pois muitos não acreditavam que a pequena criança fosse mentor de tamanhas artes, que no sentido somente poderia ser executadas por pessoas adultas e de cunho profissional.

Manuel Cardoso de Oliveira³¹, outro biógrafo de Pedro Américo, descreve o pintor como *um vulto nobre e simpático, herói pelo poder da vontade, gênio pelo talento, mestre pela sabedoria, modelo pelas virtudes, atleta pelo trabalho*.³²

De acordo com Oliveira, em sua infância, Pedro Américo era uma criança igual a todas as outras de sua cidade, fazia muitas travessuras, até mesmo colocando a sua vida em risco, uma delas, quando o garoto tinha apenas nove anos, criou uma espécie de pára - quedas e caiu do prédio onde moravam seus avós, para o desespero de seus parentes, demonstrando que o autor, preocupado em descrever momentos que despertasse uma particularidade dentre os demais meninos de sua idade, acabou

²⁸ Ibidem, p. 20

²⁹ Ibidem, p. 20

³⁰ Ibidem, p. 22

³¹ OLIVEIRA, José. Manoel Cardoso de. Pedro Américo: Sua vida e suas Obras. Brasília: Ed. Senado Federal, 1943.

³² Ibidem, p. 14

apresentado um Pedro Américo criativo e ousado, como todas as crianças de seu tempo que não vê risco nas brincadeiras. Este mesmo menino, também não percebeu o perigo quando inventou um balão que subiu e incendiou-se a meio quilômetro de altura.³³ E ainda, Oliveira lembra que neste mesmo período, o menino pintava painéis para a Igreja, pintava máscaras para os festejos camavalescos, confeccionava bandeiras e instrumentos musicais com pedaços de bambu. Para o autor, a infância deste menino fora uma *sucessão de triunfos, um gênio inventivo, que tomou-se necessário para Areia*.³⁴

E desse brilhante foco infantil de básicos valores se projetou, existência afora, em radiosa trajetória, a sua soberba figura de homem e de artista na extensão da palavra, possuidora de um caráter fundamentalmente bom, honrado, equilibrado, justo, benévolo, qualidades que nunca lhe permitiram retaliar, nem vituperar colegas e desafetos, não perdendo, ao contrário, ensejos de elogiá-los e felicitá-los até por pequenos triunfos.³⁵

A infância de Pedro Américo, construída por Oliveira é em todos os momentos marcada por situações de destaque, de “brilhantismos”, capaz de diferenciá-lo diante de tantas outras crianças de seu tempo, mas que por ter se tomado um pintor bem sucedido. Muitos fatos foram narrados com o intuito de sublinhar aquela figura ímpar, que viveu em Areia no século XIX.

Observemos também, que todos os fatos enfocados remetem a um futuro previamente traçado, um destino que fora minuciosamente escrito para dar ligação à vida de destaque de Pedro Américo, onde tudo deveria ter uma relação com a pintura ou escultura, como se a criança desde seu nascimento estivesse marcada com algum sinal de perfeição.

Esta mesma percepção é abordada por Francisca Argentina Góis Barros³⁶ em sua tese de doutoramento, a observação de que Cardoso de Oliveira escreve uma memória de Pedro Américo, narrando a história de um homem predestinado na vida,

³³ Ibidem, p. 23-24

³⁴ Ibidem, p. 24

³⁵ Ibidem, p. 25

³⁶ BARROS, Francisca Argentina. A Arte como Princípio Educativo. Uma Nova Leitura Biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Tese de Doutorado. UFC, PPGE-Fortaleza, 2006.

onde *todos os acontecimentos da vida do menino-artista são citados para exemplificar a construção de seu destino de pintor.*³⁷

Uma das primeiras imagens apresentadas pelo autor e também pelo artista que já nascera predestinado ao sucesso e que desde criança conviveu com uma permanente luta contra as dificuldades materiais de sobrevivência.³⁸

De acordo com Francisca Argentina, Cardoso de Oliveira fala que os incentivos vieram da própria família, cujo avô *Manoel Granjeiro, compositor de música sacra e regente de orquestra, e do pai, o violinista Daniel Eduardo de Figueiredo e Melo*, daí por diante o outro episódio que reforça essa idéia, foi o caso da visita do Frei Serafim à cidade de Areia, em que *o retrato do missionário é reproduzido diversas vezes pelo menino, porém ele representou o capuchinho em variadas posições*³⁹. Estas habilidades conquistadas de forma precoce possibilitaram ao menino ser conhecido na cidade, e principalmente no meio social, que permitiu ao menino pensar em estudar numa escola que pudesse lhe garantir um bom conhecimento e ascensão no desenvolvimento de suas artes.

Estas mesmas proposições não são distintas em outros autores. Em Horácio de Almeida, por exemplo, encontramos uma construção que se assemelha na estrutura e na sua proposta de narrar, da de Cardoso de Oliveira que traz um texto narrativo, onde a vida de Pedro Américo e o interesse em focar a primeira fase de vida do pintor é a mesma narrada por Almeida. Os objetivos dos narradores são os mesmos, a preocupação de projetar uma imagem progressiva do menino. Outro fator de semelhança são as poucas páginas destinadas a contar a infância do menino. Como já mencionado em Oliveira, são enfocados a sua criatividade precoce, a grande habilidade para a construção de peças teatrais, *do qual era ao mesmo tempo diretor, ator, cenógrafo, fazia dramas e comédias, e elaborava os cartazes dos anúncios, e imprimia num engenhoso aparelho de sua construção, com tipos de pau.*⁴⁰

O mesmo autor ainda demarca outros inventos da vida do pintor como o desenho de um galo no pequeno estabelecimento do seu pai à altura do balcão, a

³⁷ Ibidem, p. 19

³⁸ ALMEIDA, 1982, p 10

³⁹ Ibidem p. 20

⁴⁰ Ibidem p. 22

pintura do muro da cidade de *um matuto puxando um cavalo magro pelo cabresto*, e a *foto do Frei Serafim*.⁴¹ Todas estas pinturas serviram para que o menino fosse reconhecido na cidade pelo seu talento, e posteriormente contribuiu para que o garoto Pedro Américo chegasse a ser considerado um pintor de nome internacional.

Foi a partir das amostras de seu conhecimento que Pedro Américo ficou marcado em sua cidade, chamando a atenção dos visitantes que estavam a trabalho da Corte brasileira. A noticia espalhou-se por toda a cidade, com estes trabalhos, Pedro Américo foi notado por Jacques Brunet, coordenador de uma comissão de exploração de pesquisa científica, que ouvindo falar do garoto, quis vê-lo para então comprovar suas habilidades e então constatar o seu talento para a pintura.

Os expedicionários de tanto ouvir falar das habilidades do menino prodígio foram ao seu encontro e maravilharam-se de ver como ele desenhava do natural tudo quanto se lhe pedia. Dois desenhos feitos, um cavalo e uma espingarda, foram remetidos ao presidente da Província, acompanhados de cartas as mais honrosas.⁴²

Com apenas dez anos, o menino tinha um longo caminho a percorrer, diz Horácio de Almeida. Para os pesquisadores, essas habilidades deveriam ser aperfeiçoadas, a fim de que o menino progredisse profissionalmente. O naturalista Brunet ficou surpreendido ao ver como o menino desenhava, sendo assim, enviou vários desenhos feitos e várias cartas para o presidente da Província, demonstrando o *extraordinário* talento. Numa das cartas, o retratista alemão Bindseil, diz:

Descobri um rapaz de 11 a 12 annos, Pedro Américo de Figuerêdo Mello, filhos de pais sem fortuna, que possui um talento extraordinário para a pintura. Nada sabe de arte, e nunca recebeu lição alguma, entretanto tem por si mesmo não só vencido muitas dificuldades, como adquirido um certo gosto na execução. Tem trabalho debaixo de minhas vistas, e me há cauzado admiração se bem já tinha bastante respeito ao seu talento pelos dezenhos feitos antes de minha chegada. Desde que sei de minha arte tanto quanto basta para apreciar um talento nascente, não me lembro de ter encontrado outro igual, sendo todavia certo que os desenhos d'elle ficão ainda longe da perfeição. Para V. Exc^a pode julgar por si mesmo, mando-lhes dous desenhos. Um cavallo foi o primeiro que elle fez debaixo de minha vista, e é copiado de um debuxo meu em menos duas horas, e sem eu precisar de fazer outra couza se não ensinar-lhe o modo, o methodo de trabalhar. O outro a espingarda, foi tirado por elle da natureza em mui pouco tempo. É a espingarda de Mr. Brunet, e fora de alguns defeitos de proporção que

⁴¹ Ibidem, p. 10

⁴² Ibidem, p. 09

indireitei, nada mais falta n'esse desenho. Sabendo, como V. Exc.^a continuamente está vigiando no bem de seu paiz, fico certo que não deixará escapar esta occasião de fazer educar para o bem do Brazil esse bello talento, que sem os socorros do Governo perder-se-hia, tanto por falta de meios da parte do pai, como por incúria da parte dos Concidadãos, que eu, sem resultado nenhum, já tenho estimulado à fazer alguma couza em beneficio do rapaz. Fazendo o que estava em nosso poder, propozemos ao pai, que nos confiasse o menino para ser nosso companheiro da viagem, e parece, que não obstante o amor natural, teremos de levar comnosco esta grandeza do futuro. Neste caso tomarei a liberdade de interessar a V. Exc.^a. Ainda algumas vezes à respeito d'esse menino recommendando-o á sua boa vontade.⁴³

Na carta enviada por Bindseil a corte, podemos perceber que o mesmo fala da descoberta de um menino de 11 a 12 anos, comenta sobre as pinturas realizadas pelo garoto, narrando que não existe perfeição nos seus desenhos, mais com uma ajuda Pedro Américo poderá aperfeiçoar sua arte e continuar com seus estudos, justificando que o governo não poderia deixar de educar e ajudar este talento, para o próprio bem do país, pois ele viria a ser um artista que poderia representar seu país mundialmente.

Através do olhar de Horácio de Almeida, podemos observar que na infância, Pedro Américo já demonstrava um desempenho na arte, e a partir daquele momento, ele teria uma trajetória. Os expedicionários se encarregaram de ajudá-lo e *tanto trabalharam junto aos pais de Pedro Américo para que lhes confiasse o menino, como companheiro de jornada na expedição científica que estavam levando a efeito pelas Províncias do nordeste.*⁴⁴ Com a permissão de seus pais, Brunet leva Pedro Américo consigo para a expedição científica. Seus pais que não podiam perder esta oportunidade de ver seu filho aperfeiçoar seus conhecimentos, permitiu que o menino com dez anos deixasse sua casa, seus amigos, seus familiares, em busca de aventurar-se com o francês durante as pesquisas.

O menino Pedro Américo segue viagem com estrangeiros, arriscando um destino que até então era desconhecido. Quantas incertezas naquele momento solaram a cabeça daquele pequeno garoto, que desejava aprimorar suas habilidades?. O

⁴³ Carta do retratista alemão Bidseil enviada ao presidente da Província, em 31 de Março de 1853, fazendo o reconhecimento das habilidades do menino Pedro Américo, pedindo que a criança fosse assistida pelo Governo do país. PINTO, Irineu Ferreira. Datas e Notas para a História da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1980, p. 221.

⁴⁴ Idem, ALMEIDA, p. 10

começo de um sonho e o medo do desafio que o destino tratou de escrever com boas tintas. Sair do anonimato e entrar num outro mundo de experimentações. Seus biógrafos não tentaram perceber aquele momento de incertezas que rondava o menino, e a dor de separar-se de sua família e conduzir-se com estranhos de costumes incomuns aos seus, mas que apostavam no seu talento precoce, única sustentação que fez com que os pais de Pedro Américo o deixasse seguir viagem.

Com a presença do pesquisador Brunet, o menino ia aprendendo sobre história natural, e com Bindseil aperfeiçoava os desenhos. Em pouco tempo, Bindseil adoece e ele fica como desenhista da comissão, segundo Almeida: *Muito aprendeu e muito sofreu nessa peregrinação exaustiva para um menino de dez anos, por caminhos ínvios, à chuva, ao sol, ao sereno, muitas vezes curtindo fome e sede e dormindo à margem das estradas.*⁴⁵

Para Horácio de Almeida, a infância de Pedro Américo foi muito difícil, passando por muitas aventuras para uma criança de apenas dez anos, sendo induzido a deixar seu lar, passou fome, sede, dormindo em lugares desapropriados, passou por todos esses caminhos complicados em busca de um futuro melhor. Futuro que ainda estava incerto, a única alternativa que lhe restava era ariscar essa oportunidade que atribuíram. Afinal, apesar de seu talento, já demonstrado, e da comprovação por parte dos pesquisadores, Pedro era uma criança, que foi convidado a crescer repentinamente, amadurecer tendo em vista um futuro, que ainda não sabia, todavia, sonhar era a única certeza. No entanto, podemos considerar que apesar de todos esses obstáculos que o pintor teve que ultrapassar no início de sua infância, ele contou com o apoio de pessoas desconhecidas, mas que sentiam firmeza nas ações do menino, tentando ajudá-lo diante de sua situação de desfavorecimento, escreveram cartas para o presidente da província, para que contribuísse com o menino, que mais adiante, poderia se tornar um pintor de carreira internacional, como de fato aconteceu.

Aos poucos o menino vai construindo outro mundo, parecendo até que a distância, a falta de contato com seus conterrâneos e a ausência permanente de sua cidade natal, acaba fazendo-o esquecer de seus momentos, de suas experiências do cotidiano. Para alguns de seus narradores, como Horácio de Almeida, ele *esqueceu-se*

⁴⁵ Ibidem, p. 11

mesmo dela,⁴⁶ porque nada deixou de representação artística sobre sua cidade, nenhuma tela que lembrasse sua terra natal, lembrou-se apenas em glorificar o Brasil, e os membros da Corte, estes sim, foram representados por seus pincéis, e não sabemos por qual motivo: se foi porque a cidade não tinha uma bela perfeição artística digna de um painel especial, ou seria pois, motivado por um desgosto, nascente no período da infância de uma cidade que não podia lhe oferecer o crescimento necessário para sua aptidão artística?

Almeida afirma que quando Pedro Américo voltou da excursão, que durou vinte meses, e foi levado por Brunet e Bindseil, deixando a sua terra natal, sua família, seus amigos que, agora tomaram-se apenas passado, passado que permitiu que o pintor iniciasse sua arte. Os dois descobridores de Pedro Américo foram de suma importância para o início de sua trajetória artística, pois foi por intermédio deles que o menino teve a oportunidade de estudar em outro Estado, tomar-se um homem de renome, conhecido no mundo.

Alguns autores como Ademar Vidal e Gilberto Freire não pouparam críticas a “descoberta” da criança artista encontrada por Brunet e Bindseil. Ademar Vidal⁴⁷, num artigo organizado por Horácio de Almeida, faz uma comparação das obras de Pedro Américo com a produção de Portinari, que projetou o Brasil em suas obras, dando um sentido existencial demonstrando nacionalidade e paixão pelo país em que nasceu. Diferente de Pedro Américo, Ademar Vidal questiona o pintor, por não referenciar em seus trabalhos nenhuma imagem de sua cidade e de seus habitantes: *Artista de Areia?* Ademar Vidal, não aceitava a idéia de um pintor nascido na cidade, no decorrer de sua vida de artista, não pintar nada que lembrasse seu torrão natal, e, sobretudo seu país, porque, mesmo os quadros que denotam um Brasil não possuem características de uma paisagem tipicamente brasileira, parecendo até que para o pintor, o cenário brasileiro não lhe agradava.⁴⁸

Para Ademar Vidal, Pedro Américo é um artista do mundo, pois *pode ser identificado na Inglaterra e na França ou na Itália, onde a beleza contagiante o prendeu*

⁴⁶ Cf. ALMEIDA, Horácio de. Brejo de Areia. Memórias de um Município. João Pessoa. Editora Universitária JFPB. 2ª Edição. 1980. p. 185.

⁴⁷ VIDAL, Ademar. “De Menino Pobre em Areia a famoso pintor na Europa”. IN: ALMEIDA, Horácio de. Centenário de Pedro Américo. João Pessoa. A União Editora. 1994.

⁴⁸ Idem, p. 135

como segunda pátria⁴⁹ e que não se nota a 'menor influência nacional' na obra deixada - e que é na realidade notável de gênio, poesia e sensibilidade.⁵⁰ É de indignação do autor reconhecer no Pedro Américo, um conterrâneo que não ame sua terra, por isso ele o trata como um *desenraizado*, de educação desviada, e afogado na sua própria *alma ardente*.⁵¹

Dentre os narradores de Pedro Américo, Ademar Vidal é um dos raros que contesta e critica as atitudes do pintor. Ele afirma que os areienses sentem orgulho de seu filho e esse amor é tão intenso que chegou ao limite de tomá-lo um de seus representantes até na câmara Federal, mas para este crítico Pedro Américo não deu a mesma importância à cidade quanto os paraibanos e areienses deram a ele. Não existe nada que comprove uma marca de Areia em suas obras, com exceção do romance *O Holocausto* que possui como cenário de enredo a cidade em que nascera. No entanto, o que mais angústia este escritor é o fato dos estrangeiros terem matado as *sementes que iam florescer em lindos paus-darcos*.⁵² Para ele, Areia perdeu um pintor, ganhando a Europa um artista de arte universal, pois o Brasil ficara longe, e Areia mais distante ainda de seus pensamentos.

O sentimento de nacionalidade para Ademar Vidal deveria vir em primeiro plano, pois estava falando de um lugar em que o amor à pátria e o reconhecimento de suas qualidades necessitariam ser projetados como algo que genericamente é nosso, daí a presente afirmação de que o motivo pelos quais os estrangeiros se sentiram impressionados pelas amostras do menino Pedro Américo foram exatamente a partir dos desenhos locais e regionais que a criança pintara nas paredes de sua aldeia natal⁵³

Outro observador de Pedro Américo, Gilberto Freire⁵⁴, também lançou críticas ao pintor Pedro Américo, no artigo que compõe sobre o artista. Ele o descreve como um matutinho que teve seu talento para o desenho, descoberto por dois *bruxos europeus*, (o naturalista francês, Brunet, e o desenhista alemão Bindsiel) que lhe roubaram a

⁴⁹ Ibidem, p. 134

⁵⁰ Ibidem, p. 135

⁵¹ Ibidem, p. 136

⁵² Ibidem, p. 137

⁵³ Ibidem, p. 138

⁵⁴ FREIRE, Gilberto. "O Drama de Pedro Américo." IN: *Pessoas, Coisas e Animais*. 2ª Edição. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1981, pp. 94-100. (Ensaaios, Conferências e Artigos reunidos e apresentados por Edson Nery da Fonseca).

meninice ainda no começo: *deformaram-no em menino-homem, que não niu, nem brincou depois dos dez anos. Que não teve adolescência. Nem alegria*⁵⁵. Daí porque muito embora sendo *um pintor de largas possibilidades e de fortes recursos técnicos*, tanto a vida quanto a arte de Pedro Américo eram desprovidas de *alegria*, de *inquietação* e de *espontaneidade*.⁵⁶

Freire não questiona a qualidade da pintura de Pedro Américo. O problema da pintura de Pedro para ele residia na sua suposta falta de brasileiro. O curioso, de todo modo, é o fato de que Gilberto Freire não se incomoda com o dinheiro gasto pelo governo brasileiro com a formação de um pintor que, para ele é um desaculturado. Ao contrário, em relação ao gasto público, o que vemos é a reclamação do tratamento que o Estado republicano vinha dispensando aos *indivíduos superdotados*. O Brasil republicano gastava pouco com seus artistas e com a arte. Segundo Freire, enquanto o Império *soube aproveitar, estimular e amparar talentos da marca de Pedro Américo*, o governo republicano, por sua vez, mostrava-se *descuidadíssimo*, no que diz respeito a este problema.⁵⁷

Os dois artigos de Gilberto Freire e de Ademar Vidal, mesmo escritos em momentos diferentes, avançam quanto ao lançamento de observações sobre o autor, suas visões não estão apenas endereçadas em pomenorizar a idéia de um Pedro Américo que já nasceu artista, enfocando tão somente a vida de um homem predestinado, que já estava com um futuro construído. Os levantamentos propostos por Horácio de Almeida, Lincoln Martins e Cardoso de Oliveira se assemelham quanto a seu objeto biográfico de apresentar um Pedro Américo como uma figura de ostentação, quase que indispensável para a cidade de Areia. Observamos que, com relação à infância, os três autores não se preocuparam em observar outros aspectos que permearam seu ambiente social, suas sensibilidades, e relacionamento familiar. O cunho das obras é o de apresentar um "homem-herói", destituído de fraquezas e superabundante de potencialidades.

Pedro Américo foi criança, jovem e adulto, cresceu na vida por mérito de um talento adquirido no dia a dia, através do contato com a terra natal, de suas

⁵⁵ Ibidem, p. 95

⁵⁶ Ibidem, p. 96

⁵⁷ Ibidem, p. 100

experiências com os seus parentes, familiares e amigos. Um homem como qualquer outro, sem poderes nem execução de mágicas para poder vencer. A infância, período mais dificultoso de sua vida, não pode ser esculpido como um momento de escuridão ou que deve apenas ser lembrado para demonstrar que na Aróia do século XIX, nasceu um indivíduo diferente dos outros. Para seus divulgadores, a meninice de Pedro Américo, é contada em poucas páginas. Seus destaques estão sempre direcionados para suas invenções, não existe a qualidade de um Pedro Américo humanizado, apenas um artista sobrevivente a tantas situações de desfavorecimento em sua vida.

Essa fase pouco citada pelos autores compreendeu um momento de experimentação de um mundo novo, ainda cheio de incertezas e de sonhos. Almeida, Oliveira e Martins se preocuparam em narrar à figura de um menino prodígio, diferente das outras crianças de sua época. Se Pedro Américo não tivesse caminhado para um futuro de conquistas, certamente sua vida não teria sido evidenciada em suas literaturas, e então iria buscar em outro homem, uma imagem representacional.

Hoje a historiografia tem se preocupado em discorrer não somente sobre a vivências de homens de destaque na sociedade, mas de possibilitar uma leitura da experiência de toda e qualquer pessoa. Portanto, o nosso trabalho além de estabelecer um questionamento sobre as obras que narraram Pedro Américo, procura selecionar fatos narrados sobre sua vida, a partir de diversos trabalhos.

Para dar continuidade aos resultados das leituras dos autores trabalhados, iremos problematizar mais momentos de vida de Pedro Américo, passado de um momento de incertezas para o desafio de uma maturidade que o convidava a crescer e experimentar novos desafios. Quando adulto, conhece um mundo novo e vivência a tranquilidade de ser um artista de reconhecimento internacional e aventurar-se na carreira de político no Brasil, elegendo-se como Deputado Federal na Paraíba do Norte, sem perder, no entanto, a alma de pintor.

CAPÍTULO III

PEDRO AMÉRICO DE ALMEIDA: ARTISTA DE AREIA OU DO MUNDO?

1. A Arte Experimenta a Vida: Surge um pintor brasileiro?

Autores como Lincoln Martins, Cardoso de Oliveira e Horácio de Almeida, ao biografar Pedro Américo explicitam que a sua fase madura foi marcada por vários momentos significativos que contribuíram de forma direta para a formação do homem, artista e político Pedro Américo.

Uma parte dos estudos de Pedro Américo foi realizada no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Posteriormente, fora matriculado na Academia de Belas Artes, dirigida por Porto Alegre, que o considerava a *glória da arte brasileira, o 'papa-medalhas' a maior esperança da arte brasileira*⁵⁸. Aos dezesseis anos, Pedro Américo rompe as fronteiras do Império em busca de novos horizontes e é a partir desse momento que o jovem pintor viaja para a Europa com os recursos do Imperador, e segue caminho para um mundo de outras vivências e outros costumes.

Durante o rápido período em que estudou no Rio de Janeiro, fez diversos desenhos e alguns quadros a óleo, entre os *quais São Miguel, Jesus da Cana Verde, Mater dolorosa, São Pedro Ressuscitado, a Filha Tabira*, além de outras aquarelas para uma criança de 14 e 16 anos de idade.⁵⁹

Os novos ares causaram emoções em Pedro Américo. Como ele desconhecia a estrutura física e social da capital do Império, quando chega ao Rio de Janeiro, em dezembro de 1864, suas primeiras impressões não corresponderam à idéia de que ele fazia da corte do Império. Sua imaginação e as descrições que havia lido das primeiras capitais do mundo, davam as proporções de uma cidade digna de ser uma das grandes metrópoles sul-americanas.

No momento em que Pedro Américo chega à capital brasileira, o Rio de Janeiro passava por um período de desenvolvimento urbano. A partir da consolidação do regime monárquico se forjou de capital do Império e modelara o país com um padrão de comportamento corrente pelos séculos XIX e XX. A corte acolhia muito bem em seu

⁵⁸ MARTINS, 1994, p. 30

⁵⁹ Para maiores informações, conferir ALMEIDA, 1982, p.13.

mercado, fotógrafos, cabeleireiros, droguistas e outros profissionais que cuidariam da beleza e aparência de sua cidade.⁶⁰ Esse clima parece ter envolvido Pedro Américo numa atmosfera de dúvidas e frustrações. Pois, a cidade na qual o pintor nascera não apresentava ainda os símbolos da modernidade presentes na cidade do Rio de Janeiro.

O tempo passado na cidade do Rio de Janeiro foi para o pintor, um período de mudanças e adaptações e, principalmente de crescimento intelectual e artístico. Por isso, quando Pedro Américo encerra seus estudos no Brasil, sente a necessidade de aprimorar esses conhecimentos, e o país não disponibilizava de um ensino especializado e voltado para a área de qualificação do pintor. Seria então, o momento de procurar um meio para enriquecer os seus conhecimentos e a única forma era viajar para a Europa e procurar uma Universidade que possuísse esse tipo de particularidade educacional.

Foi então que, em 1858, o pintor sentiu a necessidade de pedir auxílio ao Imperador para continuar com seus estudos na Europa, pois, era lá onde existiam escolas especializadas na arte, e esta seria uma oportunidade de aprimorar os conhecimentos e tornar-se um profissional. O pedido de Pedro Américo foi aceito pelo Imperador e segundo Horácio de Almeida, a viagem teve de ser adiada, porque ele adoeceu às vésperas da viagem.⁶¹ Após ter se recuperado da cólera, o jovem Pedro viaja para França na ânsia de aprimorar seus estudos, onde *imediatamente matricula-se na Academia de Belas Artes, no Instituto de Física de M. Canot e na Universidade de Sorbonne.*⁶²

Pedro Américo foi muito tempo considerado o "artista preferido" de D. Pedro II, pelo fato de ter recebido auxílio imediato do Imperador para realizar seus estudos na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, e posteriormente ter conseguido outra ajuda para o financiamento de seus estudos na Europa. Nesse mesmo período, outros artistas também receberam auxílio financeiro do Imperador, a exemplo de *Vitor Meireles, Rafael Frederico, Almeida Júnior, e muitos outros recebiam esse favor legal do Estado.*⁶³ Pedro Américo, de alguma forma, soube retribuir a ajuda recebida do

⁶⁰ Sobre o Rio de Janeiro no início do final do século XIX e início do século XX, ver ALENCASTRO.

⁶¹ Idem, ALMEIDA, 1982, p. 14

⁶² Ibidem, p. 14

⁶³ Ibidem, p. 15

Imperador, pintando vários quadros que tinha a corte como referencial e o imperador e sua família como posadores.

Ademar Vidal, por exemplo, cronista, não aceita a idealização da imagem de Pedro Américo como um pintor do Brasil, concederam-no um *artista do mundo*, especializado em pintura clássica que absorveu com grandeza a arte universal, não representando as paisagens brasileiras, e muito menos a sua cidade de origem, Ademar complementa:

Pedro Américo de imediato se adaptou às novas paisagens européias, não fazendo resistência alguma para conservar no seu imaginário as influências da infância. O artista sofreu a influência de outros ares, ao mesmo tempo, que teve da terra paraibana algumas demonstrações de afeto e admiração. Visitou-a por uma ou duas vezes, mas não deu demonstração alguma de que com sua arte representava a sua terra natal.⁶⁴

Ademar Vidal não se conformou com as atitudes do pintor, queixando-se sempre de um Pedro Américo sem amor a sua terra, aliás, é um dos poucos autores que não encontram em Pedro Américo a figura de um homem ilustre que representa o Brasil e a sua cidade natal.

Em homenagem ao centenário de Pedro Américo, Horácio de Almeida reuniu vários artigos produzidos por escritores e simpatizantes do pintor, e dentre ele está Ademar Vidal, que não concordou com os demais expositores que compartilharam as mesmas idéias retratando um Pedro Américo imune de defeitos e demasiado em qualidades.

Pedro Américo, depois de aventurar-se na Europa, retorna uma vez para a Paraíba, deslocando-se até a cidade de Areia. Após a visita realizada na sua terra, *Pedro Américo retorna ao Rio de Janeiro onde foi nomeado professor da Academia, mas não passou muito tempo, retomando em seguida para França.*⁶⁵ Fato que, de acordo com Ademar Vidal, irá descontentar a população brasileira. Diferentemente dos demais autores que expõem com grandeza a experiência do pintor nas terras do velho mundo, o escritor Ademar Vidal se opõe a esta perspectiva de que esta figura que nasceu de Areia seja um representante fiel de sua cidade. Para ele, Pedro Américo se

⁶⁴ Ver Vidal, p. 137

⁶⁵ CARDOSO, OP. Cit. 1982, p.p. 65

esqueceu de sua terra natal, não demonstrando nenhum sinal de valor àqueles que lhe tinham admiração, como podemos perceber nestas passagens:

Lamenta-se a Paraíba não poder dizer, batendo os peitos: êle soube fixar o que é nosso numa comovida demonstração de amor filial, eternizando aspectos e figuras, ilustrando a grande história de nossas refregas, derrotas e triunfos com a colaboração de seu pincel vigoroso no colorido do bom gosto em 'saber traçar'(...) Esqueceu de Areia trepada nas montanhas como num protesto da natureza aos imprevistos da própria natureza.⁶⁶

Em contradição aos demais biógrafos de Pedro Américo, Ademar Vital não se sente bem com a idéia de um artista nascido em sua terra, que durante toda a sua trajetória artística, não a representou em nenhuma modalidade com veemência, e em nenhum momento de sua vida.

De certa forma, este crítico de Pedro Américo não se conformou com o fato de um paraibano não sentir amor por sua pátria de origem, sem ao menos ter noção de que, a partir do momento que o artista Pedro Américo começa a conhecer outras experiências culturais, amplia-se também a sua forma de conceber o mundo, conduzindo-se a sentir outras influências, adaptando-se novamente a seu lugar de origem e caminhando por culturas diferentes.

Diferente de Elpídio de Almeida,⁶⁷ por exemplo que justifica de forma sensitiva a ausência do "ilustre" de Areia em sua cidade, e nas raras vezes que pisara o solo brasileiro no auge de sua carreira. Comenta Elpídio de Almeida, que somente após dez anos com 21 anos de idade, voltou a penetrar novamente no modesto lar, mas *já com nome feito*, não sendo possível permanecer na terra, *esforçando-se para levá-la onde quer que estivesse*⁶⁸. Sempre que Pedro Américo prometia visitar a terra em que nascera, algo acontecia para que o impedisse de ir adiante, Elpídio relata que em 1888 na propositura da abolição dos escravos, no mês de setembro:

Em setembro desse mesmo ano, veio êle ao nosso estado, depois de um afastamento demais de quatro lustro. Estava no auge de sua carreira artística reconhecido e admirado como o maior pintor nacional. Foi ainda sobe a emoção desses triunfos que chegou Pedro Américo a nossa capital. E assentou logo uma visita a está cidade, tendo o presidente da província

⁶⁶ VIDAL, op. Cit. 1994, p. 138

⁶⁷ Ver o Discurso proferido pelo Dr. Elpídio de Almeida na inauguração da Casa Pedro Américo em Areia, no dia 29 de Abril de 1943. ALMEIDA, Elpídio de. "Pedro Américo e o seu Torrão natal." IN: ALMEIDA, Horácio de. Centenário de Pedro Américo. João. A União Editora. 1994.

⁶⁸ Ibidem, p. 93

prometido acompanhá-lo. Não lhe foi possível, porém realizar o intento, motivos imperiosos obrigaram-no a suspender o passeio.⁶⁹

Não se pode entender nesta passagem que o motivo defendido por Pedro Américo de não visitar sua cidade, mesmo estando presente no seu estado, é o não acompanhamento do presidente da província. A única justificativa oferecida pelo autor é a de que Pedro Américo foi obrigado a suspender o passeio por *motivos imperiosos*,⁷⁰ como a doença repentina do presidente da província e de um de seus melhores amigos. Mesmo sabendo o caminho para Areia, motivações superiores eximiram o pintor de voltar a sua terra e para justificar a sua ausência escreve uma carta aos seus conterrâneos explicando o motivo pelo qual adiou sua visita aos areienses, deixando essa realização para uma visita futura ao solo brasileiro:

Sou forçado a resignar-me a uma ainda prolongada ausência do meu torrão natal, do qual nunca me esqueci, nem mesmo nos meus devaneios literários e nos meus trabalhos científicos, em que o nome de Areia e os altos dotes dos meus concidadãos têm sido constantemente lembrados. O meu amôr à terra do meu berço é tão grande quanto o meu patriotismo Brasileiro, e nesses sentimentos tenho vivido e hei de morrer. Desejo, pois, que aí se saiba do inextinguível afeto com que retribuo a generosa estima que me tributam os areienses, e ao mesmo tempo a dor que me punge por não poder consagrar-lhe toda a atividade do meu espírito.⁷¹

Para que seus conterrâneos pudessem perdoá-lo por “não visitar”, a cidade de Areia, Pedro Américo usa a justificativa de que sente muitas saudades de sua terra natal, e que não se esquece dela em nenhum momento como prova a passagem acima retirada de seu romance *O Holocausto*.

Mas ainda em relação as suas experiências no velho mundo, temos uma passagem contada por Martins, relatando que logo depois que o pintor volta à França a sua situação ficou tão difícil que o moço brasileiro se viu forçado a se desfazer de algumas medalhas que ganhara em alguns concursos no Rio e em Paris. Chegando à loja, o joalheiro desconfiado da procedência do ouro e da prata, avisa à proprietária que, imediatamente o denuncia à polícia. Pedro Américo foi preso e levado à presença do comissário de polícia, sob a acusação de furto. O policial, ouvindo o estrangeiro, convenceu-se de sua inocência e mandou libertá-lo. O autor ressalta que a ajuda

⁶⁹ *Ibidem*, p. 95

⁷⁰ *Ibidem*, p. 95-96

⁷¹ Pedro Américo, *Apund*, ALMEIDA, 1944. p. 96

concedida pelo Império brasileiro *não lhes era suficiente e o artista sofreu um forte impacto psicológico ao perceber que a recepção francesa não correspondeu as suas expectativas.*⁷²

Em 1866, Pedro Américo viaja para a Argélia com o Capitão Dubosc. Mesmo com poucos recursos, conseguiu comprar uma passagem a preço reduzido, fazendo-se passar por um representante de uma companhia de teatro. Em Argel, foi admitido como desenhista numa comissão militar, e assim pode conhecer o interior do país. Martins diz em sua narrativa, que em Argel:

*Ali sofreu as mais duras conseqüências, dias inteiros sem comer, o paletó coçado, as botas cambaias, mas o espírito forte, ávido de saber. Para resolver os problemas financeiro, s fazia nos cafés retratos a lápis, quase instantâneos, a troco de pequenas recompensas.*⁷³

O olhar dos autores nos faz crer que Pedro Américo passou por esses desconfortos, mas através do seu conhecimento procurou superar esses momentos complicados, até alcançar seus objetivos. Para uma pessoa que possuía poucos recursos para se manter no exterior, uma das formas encontradas pelo pintor foi a de usar seu próprio saber para conseguir complementar a renda. Estas dificuldades são instrumentos que os biógrafos utilizam para enaltecer a imagem heróica de Pedro Américo.

Quando Pedro Américo retoma a Paris, consegue concluir os estudos na Universidade de Bruxelas com o dinheiro que sobrara da viagem, da venda de um *lote de aquarelas, e do dinheiro conseguido com a venda da medalha de ouro conquistada com A Carioca.*⁷⁴

⁷² CARDOSO, op. Cit. p. 65

⁷³ MARTINS, op. Cit. p. 51

⁷⁴ *Ibidem*, p. 51



Foto 5: A Carioca
Acervo da Casa Museu de Pedro Américo

Na exposição geral de 1886, quando exhibe A Carioca, dois anos depois no dia 21 de julho de 1868, após muitas lutas e estudos Pedro Américo conseguiu um título até então inusitado para um pintor brasileiro, o de doutor em ciências naturais pela universidade de Bruxelas.

Uma forma de mostrar que o pintor nasceu para "brilhar" é contada por Martins, na ocasião em que Pedro Américo conseguiu o primeiro de seus objetivos: quando no dia 21 de julho de 1868, colou grau de doutor em Ciências Naturais pela Universidade de Sorbonne. Com o propósito de retomar ao Brasil, Pedro Américo requereu ao governo uma passagem, que lhe foi negada. Então, continuou em Bruxelas. Dedicou-se a especulações filosóficas e escreveu uma tese para disputar o lugar de professor adjunto da Faculdade de Ciência da Universidade de Bruxelas, sendo aprovado. Para Martins, esse fato teve grandes repercussões no mundo científico em Bruxelas, pois, um homem pobre chegar a esse cargo era motivo de comemoração.⁷⁵

Em 1869, Pedro Américo casa-se com D. Carlota, e dessa união nasce dois filhos, filha de seu antigo professor Manuel Porto Alegre e em 1870, o casal parte para o Rio de Janeiro. No Rio, Pedro Américo reassume a cadeira de Desenho na Academia de Belas Artes, Estética e Arqueologia.

O período de 1870 e 1873 foi um dos mais favoráveis na trajetória de Pedro

⁷⁵ Ibidem, p. 53

Américo, pois foi, justamente neste momento que executou o quadro "**A Batalha de Campo Grande**", tela de seis metros de comprimento por quatro de altura. Esta tela encontra-se em um dos salões da Escola Militar do Rio de Janeiro, e é considerado como um dos monumentos do patrimônio artístico do Brasil. A partir dessa pintura, Pedro Américo passou a ser reconhecido não só no Brasil, mas também na Europa.

Em 1873, viaja de volta à cidade de Firenze, e em janeiro de 1874, pinta a "Batalha do Avaí", maior pintura em óleo sobre tela já realizada por um brasileiro, medindo 6.00m x 11.00m.



Foto 6: Batalha do Avaí
Acervo da Casa Museu de Pedro Américo

A exposição d'A Batalha do Avaí foi na cidade italiana de Florença, no dia 1º de Março de 1877. Durante a sua exposição no Rio de Janeiro, Pedro Américo foi acusado de plagiador, são críticas sobre a Batalha de Campo Grande, Batalha do Avaí, esse episódio amplamente discutido pela imprensa carioca, gerou a chamada *Questão Artística*⁷⁶ e 1879 que levou a publicar em 25 de junho de 1880, *O Discurso sobre o Plágio*.⁷⁷

O pintor traz essa tela para o Brasil e expõe para visitas. O dinheiro arrecadado é dividido com os flagelados da seca da Paraíba e com os pobres do Rio de Janeiro. Após 1885, estava Pedro Américo de regresso ao Brasil, mas mal reassumiu a sua cadeira na academia, sentiu a necessidade de voltar a Europa. Antes de partir, foi

⁷⁶ Uma Polêmica questão que ficou famosa pelas acusações sobre Pedro Américo em relação a seu quadro "Batalha do Avaí" a pintura do quadro "Batalha dos Guararapes" de Victor Meirelles.

⁷⁷ Argentina p. 48

contratado pela província de São Paulo para a execução de um quadro histórico sobre a Proclamação da Independência. Esta tela foi entregue em 8 de abril de 1889, em Florença.

Segundo Vidal, Pedro Américo pintou a Europa em seus quadros. Na sua obra mais conhecida *O Grito do Ipiranga*, o artista faz uma leitura positivista da Independência do Brasil, uma vez que a mesma é pintada de uma forma heróica e grandiosa para enaltecer a figura do imperador D. Pedro I. A pintura está repleta de intencionalidades, de representações que procuram demonstrar uma realidade narrada através de cavalos vistosos e fardas impecáveis, digna de uma batalha de egos.⁷⁸



Foto 7: Grito do Ipiranga
Acervo da Casa Museu de Pedro Américo

Originalmente concedida como a última parte da coleção sobre a Conjuração Mineira, a tela de *Tiradentes Esquartejado*, realizado na cidade de Firenze, exposta em junho de 1893, no Rio de Janeiro. Talvez seja uma das mais conhecidas e emblemáticas representativas de um "herói" da República.

⁷⁸ VIDAL, p. 139



Foto 8: Tiradentes Esquartejado
Acervo da Casa Museu de Pedro Américo

Em dado momento, o ex-presidente da Paraíba, Castro Pinto, faz comentários sobre os quadros do pintor com o objetivo de mostrar defeitos de ordem técnica do que de sentido moral, ao escrever o prefácio do livro de poesia de Elizeu Cezar, de onde extraímos os seguintes trechos:

Quanto a pintura basta dizer que, por antipático a fraternidade americana, como pode ser muito convencional e controvertido quanto á realidade histórica dos episódios, o assunto as telas de Pedro Américo referentes ao Paraguai, afirmam unicamente as altas aptidões do pintor, sem que por isso se tenha feito coisa alguma pela pintura essencialmente brasileira.⁷⁹

Por outro lado, o crítico nacional Duque Estrada se referindo à tela "A Batalha do Avaí" a consagrou como a maior obra de arte que possui o Brasil.⁸⁰

A arte poderia servir de refúgio em meio ao ambiente em que viveu no Brasil, atmosfera decantada por poetas, jornalistas e escritores, meio que, segundo Vidal, lhe traria aborrecimentos para a sua sensibilidade, o que possivelmente explicaria a sua preferência pela Europa, lugar de maior polidez, compostura e respeito a defesas alheias.⁸¹

Vidal desmistifica ainda mais a imagem do pintor, dizendo que não se tem referência até hoje de nenhuma correspondência de Pedro Américo para a sua família,

⁷⁹ VIDAL, p. 140

⁸⁰ ALMEIDA, p. 202

⁸¹ ARGENTINA, p. 48

nem tão pouco, de algum desenho feito em Areia, na fase infantil e juvenil a representações.

Maria Argentina possui outra visão em relação às correspondências que Pedro Américo escreveu, ela crê que elas possuem um duplo caráter. Primeiro as de caráter privado, por meio das quais mantinha contato com pessoas de sua família, com colegas de profissão e com autoridades constituídas e, segundo, as de caráter público, a exemplo das veiculadas na primeira página do periódico carioca *Gazeta de Notícias*, denominadas cartas de um pintor, nas quais Pedro Américo discorria sobre arte, museus e registrava impressões de leituras e descrevia ainda paisagens e arquiteturas de lugares que conheceu em suas viagens pelos continentes europeu e africano.⁸²

Em suma, podemos perceber que cada um dos biógrafos apresentados nesta pesquisa as suas abordagens contribuíram decisivamente, em qualidade e variedade, para manter em nossa memória a imagem de Pedro Américo como a de um dos mais importantes pintores da segunda metade do século XIX, apesar de que sua obra não tenha recebido tratamento analítico a altura.

O que se pode perceber do exposto, é que todos os biógrafos se prendem ao principal ofício de Pedro Américo de Figueiredo e Melo: o de ser pintor. Quantos a nós obstantes apreciamos a arte acadêmica em geral, e a de Pedro Américo em particular, consideramos necessário acrescentar a este quadro que foi narrado de forma sucinta pelos seus biógrafos a trajetória política de um pintor.

2. Pedro Américo: A trajetória política de um pintor

Para narrar a vida de Pedro Américo como político, continuamos utilizando os autores citados neste trabalho, que dissertaram sobre este tema, apresentando suas visões sobre a atuação na política paraibana.

A partir do olhar desses autores, é possível perceber que Pedro Américo também destacou-se como político, de certa forma contribuindo, para que a política tivesse uma marca diferenciada entre os demais paraibanos políticos de sua época. Dificilmente é comentado que Pedro Américo foi autor de vários projetos que

⁸² ARGENTINA. Op. Cit. p. 50

influenciaram de forma direta a reflexão da educação pública brasileira, nos âmbitos sociais e político.

Martins observa o momento em que Pedro Américo retorna ao Brasil, em junho de 1890, ocasião em que lhe foi concedida a aposentadoria como professor da Academia de Belas Artes. Nesse período, alguns amigos decidiram lançar a candidatura do artista a uma cadeira no Congresso Constituinte, como Deputado pelo Estado natal. Em discurso proferido em 1993, o historiador Francisco Tancredo Torres.

A Paraíba o convida para sua representação no Parlamento da República. Ligado à Monarquia, de cujo imperador recebera proteção e amizade, não se fez de rogado e aceitou a sua participação na iniciante política republicana brasileira.⁸³

Pedro Américo aceita o convite espontaneamente. Segundo Martins ele lembrou-se de seus conterrâneos e sentiu que esse seria o momento de contribuir com os paraibanos, através do seu trabalho político. Via na eleição, a oportunidade de defender no parlamento o “progresso do país”, e em particular, o desenvolvimento do seu Estado, bem como ouvir os apelos e reivindicações da classe menos favorecida.

Almeida narra que em vez de Pedro Américo ir a Paraíba pleitear a eleição, voltou à Itália, onde deixou seus familiares e alguns trabalhos inconclusos. Todavia, foi devido a esta ida para a Itália, que os seus conterrâneos e adversários políticos fizeram numa manifestação pública e saíram às ruas chamando-o de traidor da pátria, *mal brasileiro*, gritando que o pintor teria se nacionalizado italiano.⁸⁴

Apesar de Pedro Américo não comparecer em Areia, a Paraíba o elegeu como deputado e ainda confiando um novo mandato que não chegou a ser cumprido, pois Pedro Américo preferiu seguir a trajetória como pintor a ser apoiado como político e ocupar novamente cadeira na Câmara Federal. De acordo com Martins, Pedro Américo foi eleito Deputado Federal pelo Estado da Paraíba do Norte e assumiu o cargo em janeiro de 1892, junto com os outros deputados paraibanos, como Epitácio Pessoa, Silva Retumba Couto e Cartaxo, Venâncio Neiva entre outros.⁸⁵

Almeida e Cardoso afirmam que Pedro Américo foi eleito quando se encontrava em Florença. Quando foi eleito estava trabalhando em suas pinturas, quando recebeu

⁸³ Ver MARTINS, 1994, p. 94.

⁸⁴ Para saber mais a esse respeito, conferir ALMEIDA, 194, p. 10

⁸⁵ Cf. MARTINS, op. Cit. p. 100

várias cartas e telegramas dando-lhe a notícia de sua vitória nas eleições. Fato inusitado foi o do pintor não fazer campanha e tomar-se o segundo mais votado de todo o Estado da Paraíba do Norte, o que lhe confere a aprovação e a consideração que os seus conterrâneos paraibanos sentiam por Pedro Américo.

Este fato é surpreendente na vida de Pedro Américo, principalmente em relação à sua postura como político recém eleito. Pois não se pode imaginar um paraibano bastante estimado entre os seus, obter um grande sucesso eleitoral, e engendrar uma atitude de indiferença diante de todo o processo. Afinal, o próprio Pedro Américo não acompanhou sua candidatura, não vivenciou os comícios, nem apresentou propostas aos seus eleitores e, no entanto, consegue atingir o segundo lugar no número de votos nas urnas. E o mais interessante é que o pintor, segundo seus narradores, não demonstrou nenhum entusiasmo com sua vitória.

O Brasil de Pedro Américo não dava oportunidade a seus artistas e um dos principais meios de conseguir estabilidade financeira, de certa forma, seria entrar na política. Portanto, foi um período muito emblemático na vida de Pedro Américo porque, por um lado estava vivendo uma realidade no mundo das artes, e por outro lado, a necessidade lhe forjava um outro percurso em sua vida, que não lhe despertava nenhuma vontade em executá-lo.

Pedro Américo tomou posse como deputado na Assembléia e não retorna a Paraíba para agradecer a oportunidade recebida pelas mãos de seus eleitores e, principalmente por ter se tomado um representante da população. Imagine o que os areenses pensaram naquele momento sobre o pintor? Motivo este da acusação de ter abandonado a Paraíba, principalmente por nada ter deixado de concreto para seus conterrâneos, nenhum quadro e nenhuma lembrança que viesse destacar uma paisagem areense.⁸⁶

Martins, por sua vez, afirma que Pedro Américo, quando parlamentar, não se deixou influenciar pela política nem lutou por suas defesas pessoais. Sempre lutou na defesa de seus ideais, no que fosse melhor para os menos favorecidos. O biógrafo não vê em Pedro Américo um homem que não tinha nenhuma experiência na política, não

⁸⁶ E, relação a esta crítica ver Artigo publicado na "União", na semana comemorativa do centenário de Pedro Américo. VIDAL, Ademar. "De menino Pobre em Arcia a Famoso Pintor na Europa." In: ALMEIDA, Horácio de. João Pessoa. A União, 1994.

considerou seus medos e suas angústias, sempre insistindo que ele possuía um:

*Espírito culto e desapaixonado, permanecendo sempre à margem dos grupos em que se dividia o poder legislativo, votando ora com o governo, ora com a minoria, sempre de acordo com sua consciência, voltada para os altos interesses do povo.*⁸⁷

É difícil analisar este momento da vida de Pedro Américo simplesmente para não dizer que o pintor não teve nenhum deslize na política, fica complicado narrarmos que o pintor sempre agia com sua consciência, pois, sabemos que isto não é verídico, ao iniciar na política percebemos que nenhum momento parecia interessado em ser político, tanto que quando foi eleito encontrava-se em Florença realizando outras atividades. A falta de dedicação na política inviabilizou muitas explicações. Uma delas é a dedicação que o pintor tinha pela pintura e o grande amor que possuía pela cidade. Nesse mesmo direcionamento alguns biógrafos o consideravam como um homem que não tinha nenhum sentimento por sua terra, porém, até quando político não criou nenhum projeto para a Paraíba. O que se sabe é que Pedro Américo não deu o real valor aos paraibanos nem quando era pintor e nem político, pois, em nenhum momento representava sua Paraíba nem durante as suas pinturas e nem no parlamento.

Segundo a fala de Elpídio de Almeida, podemos narrar que Pedro Américo foi um político diferente dos demais, pois tudo o que fazia possuía a plena convicção, não pensando em si, mas pensando no interesse do seu próprio país, para que pudesse ajudar a formar um Brasil melhor para sua nação.

Ausente da Paraíba, Pedro Américo procurou meio eficaz para afrontar seus adversários: enviou vários manifestos ao eleitorado, acusando os políticos de preguiçosos do regime decaído que era a monarquia. Esse manifesto foi uma forma de aliviar as suas mágoas para com os homens de seu Estado.⁸⁸

Em todos os manifestos que foram remetidos de Florença assinava como Dr. Pedro Américo de Figueiredo e prometia lutar pela Paraíba no parlamento em tudo quanto dissesse ao seu progresso material. Horácio de Almeida afirma:

⁸⁷ MARTINS, op. Cit. 1943, p. 94

⁸⁸ Ver discurso proferido na inauguração da Casa Pedro Américo. ALMEIDA, Elpídio. Pedro Américo e o seu Torrão Natal. In: Almeida. Horácio de. João Pessoa. A União, 1944.

Lamentar que no parlamento brasileiro, nunca tivesse figurado um artista, apelido esse que no, seu dizer, não chegou se quer a ser citado nas posturas municipais da corte. Mostrava-se mais irritado com a tirania hipócrita e corrupta, exercida durante tantos decênios, bob a aparência da mais ampla liberdade e convocava os seus concidadãos para que a nova ordem de coisas inaugurada no teatro da política nacional, não continuasse, a mesma comédia diante do público mistificado.⁸⁹

Ao analisar a problematização do autor, percebe-se que Pedro Américo faz um questionamento no parlamento, de que nunca passou na Assembléia um artista e nem sequer foi citado durante o governo monárquico. Mostrava-se indignado com tanta corrupção e, durante todos estes anos, solicitou aos conterrâneos que não deixasse os mesmos políticos continuarem no poder, e que este era o momento de mudar o panorama político do Brasil.

Já Cardoso assegura que um dos fatos que levaram Pedro Américo a assumir o mandato como deputado no Congresso Constituinte e a primeira legislativa ordinária, era a necessidade de uma residência fixa, por mais de três anos no Brasil. Com esse intuito, desfez-se dos seus interesses na Itália e em outubro de 1892, partiu com sua família para o Rio de Janeiro. Sabia Pedro Américo que ao representar o seu Estado no primeiro parlamento republicano, *tinha uma séria e determinada missão a cumprir, sancionando os seus projetos na Câmara.*⁹⁰

A política exigiu que Pedro Américo passasse mais tempo no Brasil, para poder cumprir o programa político que havia amiscado. Sua preocupação não era a de agradar aos políticos que exerciam seus mandatos, pois não possuía nenhum vínculo com esses políticos que pudessem comprometê-lo diante da população. Pedro Américo sempre se negava a pertencer a um grupo político-partidário.

O pintor não passou muito tempo na Assembléia Legislativa, mesmo tendo se tomado um político estimado por seus colegas, pela posição que ocupava, contribuindo com sua visão lúcida diante de assuntos significativos para o grupo. Lutou sempre pelo progresso da instrução superior e das Belas Artes. De acordo com Martins, Elpídio de Almeida acrescenta:

⁸⁹ ALMEIDA, 1982, p. 84

⁹⁰ CARDOSO, 1943, p. 169

No primeiro ano de vida parlamentar, quase nada o político Pedro pode fazer. Devido a seu estado de saúde, foi obrigado a partir às pressas para a Europa, com o objetivo de submeter-se em Paris a um cuidadoso tratamento especial.⁹¹

Dessa forma, mais uma vez, o político necessitou ausentar-se, com o objetivo de zelar por sua saúde. Acometido de uma anemia nervosa, precisou de cuidados avançados para se curar dessa moléstia e voltar ao Brasil para então executar os seus projetos em benefício dos brasileiros.

O primeiro discurso de Pedro Américo foi proferido seis meses depois do seu contato com a Tribuna Federal. Neste discurso, o político abordava a lentidão com que o congresso nacional sancionava as reivindicações que eram feitas em defesa da população brasileira.

Sr. Presidente, nos tempos da monarquia, quando o povo sofria o suplício da sede, e os poderes competentes se sentiam impotentes para providenciar, era costume nomear-se uma comissão para estudar o assunto. Ora, essa comissão, ordinariamente composta de homens muito competentes, longe de apresentar em poucos dias o seu parecer acerca do objeto, rodeava-se ao contrário de tal obscuridade e silêncio, que o povo dizia facetamente que ela andava montada em cágados à procura de mananciais pelas nossas montanhas. Ficavam as coisas nesse estado até que algum aguaceiro viesse resolver o problema. Hoje o método para eternizar as questões mais urgentes é diferente, mas, por ventura, igualmente engenhoso: comete-se o trabalho à comissão de eruditos e oradores, os quais, em vez de treparem em cágados, montam em pégasos ardidos e velozes, e lá partem para os países estrangeiros. Vão diretamente à Inglaterra, país tão diferente do nosso, vão a Suíça, aos Estados Unidos, ao Rio da Prata, e algumas vezes à França, de onde voltam tão iluminados, que de veras ilustram grande números e projetos e intenções.(....) Observarei mesmo que não é nos países onde existem homens mais eloqüentes, que se encontram os melhores estadistas.⁹²

O discurso proferido por Pedro Américo foi uma séria crítica aos períodos Imperial e Republicano, no que diz respeito ao encontro de soluções para elucidar os problemas do povo brasileiro. Pedro Américo reclamou da grande demora do Império em detectar e dar soluções para os problemas, enquanto os republicanos preferiam buscar soluções de estrangeiros para aplicar no Brasil. O questionamento do pintor a esse respeito esclarecia que não era necessário buscar idéias estrangeiras para aplicar no país e sim, observar e encontrar soluções de acordo com a nossa realidade.

Já no século XIX, Pedro Américo pensava em soluções mais práticas e

⁹¹ Idem, MARTINS, 1994, 93-94.

⁹² Apud. BARROS, Maria Argentina Góis. A arte como PRINCÍPIO Educativo: uma Nova Leitura Biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Tese submetida ao PPG em Educação da UFCG, em 2006.

econômicas, visto que o necessário era apenas um estudo qualitativo do problema, para encontrar recursos simples e inteligentes, ele sugeriu que o setor privado, sobretudo as corporações econômicas, fossem estimulado a contribuir com o financiamento da educação superior seguindo assim, o exemplo de outros países. Mas uma vez, dirigindo-se aos políticos apelava a importância das universidades, bem como a necessidade que fossem públicas e gratuitas.

Com a nova posição social e política conquistada, Pedro Américo tomou para si a responsabilidade de criar projetos que viessem a contribuir para o desenvolvimento do país e da população. Através destes benefícios estaria honrando o cargo que lhe atribuíram no congresso.

Os biógrafos Lincoln Martins, Cardoso de Oliveira e Horácio de Almeida, narraram os projetos que foram criados por Pedro Américo no Congresso Nacional brasileiro durante o ano de 1892, quando deputado apresentou projetos que visava a criação de universidades no Brasil, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, e no norte do país, e também sobre os direitos autorais e propriedade artística e literária, como também a redução do mandato presidencial em quatro anos, pediu pela concessão política da pensão vitalícia para o imperador deposto e o direito de voto para as mulheres.

Outros conjuntos de projetos também se encontram direcionado a educação, tinha como matéria principal à educação de cunho moral e de saúde pública, e objetivava por termo aos jogos de azar, as loterias, tributos rigorosamente os que participavam ou promoviam as corridas de animais e a proibição das corridas de touros.⁹³

Outros projetos do deputado pela Paraíba visavam à instituição de um Teatro nacional e a fundação de uma galeria de pintura e escultura, independente da Escola Nacional de Belas Artes. Esta última idéia, porém, só viria tomar-se realidade décadas

⁹³ A corrida de touros é conhecida como farra do boi. É uma festa que acontece ainda hoje em Santa Catarina. Nela, o boi é solto no meio das pessoas. Estas, por sua vez, o perseguem com paus, chicotes e objetos cortantes, levando-o ao completo esgotamento ou ferindo-o mortalmente. Este festival de horrores foi proibido em 1997, mais continua sendo praticado, principalmente durante a semana santa.

mais tarde em 1937, com a reforma do Ministério da Educação e Saúde e a criação do Museu Nacional de Belas Artes.⁹⁴

Alguns dos projetos elaborados por Pedro Américo foram bem avançados para o seu tempo, como por exemplo, a concessão do voto feminino, que somente foi concedido no século seguinte, após uma intensa conscientização das mulheres em relação aos seus direitos, e constantes manifestações do Movimento Feminista na década de 1930, resultando no novo Código Eleitoral, promulgado por Getúlio através do decreto 21.076, em 1933, ano em que, pela primeira vez, as mulheres votaram e foram votadas para a Assembléia Nacional Constituinte. Entre os 214 deputados eleitos, uma única mulher: Carlota Queiroz.⁹⁵

Pedro Américo já sentia a necessidade das mulheres expressarem seu voto quase um século antes, em 1892, e ele não foi consciente apenas nesse sentido, ele lutou também para a diminuição do mandato presidencial, no momento em que a nação brasileira ainda estava firmando-se como um país republicano. Certamente, nesse momento muitos dos seus colegas partidários acharam suas idéias absurdas para serem analisadas. Como político, no tocante à propositura de projetos, era um homem à frente de seu tempo. Muitos de seus projetos só tomaram sentido tempos depois, quando, por exemplo, o mandato do presidente passou a ser de quatro anos.

Como artista, Pedro Américo assumiu uma postura diferente dos demais membros do Congresso Federal, e um dos pontos que o pintor mais abordou foi a educação, um dos principais meios de se ter uma vida melhor, além de querer ampliar o acesso da população à cultura nacional e internacional, aumentando o número de universidades, numa estratégia regional, porque nos estados em que ele estudou a fixação de uma universidade, seria um ponto que beneficiaria um maior número de pessoas, confirmando Pedro Américo como um político, que tentou construir um novo cenário para a educação e para a cultura brasileira.

Somente um de seus projetos feria a constituição republicana, que foi o fato de apoiar uma pensão vitalícia para o Imperador, que não tinha mais espaço na República Brasileira. Projeto que deve ter causado um grande estranhamento em seus colegas

⁹⁴ BARROS, 2006, p. 112

⁹⁵ Idem, 2006, p. 114

parlamentares. Mas sua atitude pode ser compreendida quando pensamos que Pedro Américo recebera a ajuda do então Imperador D. Pedro II, custeando seus estudos no Rio de Janeiro.

Como percebemos, esses biógrafos narraram sobre a trajetória política de Pedro Américo de forma muito sucinta. Dessa forma, quando trataram de citar os projetos criados pelo político, fizeram apenas citar nas suas narrativas os projetos que ele lutou para que fossem analisados. Não tiveram a preocupação de questionarem o que o motivou a elaborar esses projetos.

Não encontramos nesses narradores, nenhum dos trechos dos seus projetos, nem dos seus discursos. Somente Argentina traz uma análise dos discursos de Pedro Américo, problematizando sobre a importância que esses projetos trouxeram para o Brasil.

Na sessão do dia 18 de julho de 1892, Pedro Américo volta a apresentar mais detalhadamente as razões que o levaram a elaborar esses projetos, apresentando a criação de três universidades, uma Galeria de Pintura e Escultura e de um Teatro Nacional, disse o pintor:

Chamarei a atenção do Congresso para uma idéia que deverá parecer estranha a princípio, mas que o tempo tomará exequível. Refiro-me á criação de três universidades, das quais uma em S. Paulo, outra nesta capital, e outra no norte do Brasil, não fazendo questão que seja antes na Bahia do que em Pernambuco, e mesmo no Pará, cujas finanças estão em tão próspero Estado.⁹⁶

Para Pedro Américo, a criação dessas universidades elevaria o nível educacional do país, além de abrir novos horizontes para os brasileiros, melhorando a percepção política e o entendimento sobre a justiça, liberdade individual e nas lutas eleitorais. Na justificativa, ressaltou que se tratava de uma instituição secular cuja história foi marcada pela luta contra a ignorância e o obscurantismo. A idéia era de que, assim como vinha acontecendo no continente europeu, também aqui, as universidades auxiliariam o país, que pouco desenvolvia o pensamento e as profissões intelectuais e daí, a criação de universidades em pontos estratégicos, observando quais as cidades mais promissoras, diminuindo assim, as dificuldades que o brasileiro tinha de cursar

⁹⁶ Ibidem, p. 113

uma universidade, facilitando sua entrada e sua locomoção. A proposta em tela remetia ao problema da distribuição espacial das instituições em diferentes regiões do país, pensado assim a descentralização do ensino público, dando ênfase aos nordestinos e nortistas, sem esquecer-se dos sulistas.

Analisando a atuação de Pedro Américo como deputado, ele visava expandir e descentralizar essas instituições de ensino superior em diferentes regiões do território nacional, tendo como esperança que uma das sedes da universidade no nordeste contemplasse a Paraíba, para que seus conterrâneos tivessem uma melhor possibilidade de estudo. Pernambuco, local mais provável para a criação de uma instituição como essa já era de bom grado.

Percebe-se que Pedro Américo era um político preocupado com a educação, visando o ensino público, pois sabia que o caminho da educação levaria ao progresso e desenvolvimento do país. Ele defendia insistentemente nos seus discursos a necessidade primordial o desenvolvimento e a melhoria educação, sobretudo num país como o Brasil.

Começarei por tratar da criação de três universidades, idéia que a de continuar a parecer prematura e extemporânea, apesar da sua significação positiva e real e da sua exeqüibilidade, até que a mente do político e dos homens competentes se compenetre da oportunidade da sua realização, e a proclamem digna de entrar para o domínio do que é tão útil e positivo, como a mais elementar cultura do espírito. O quanto estas instituições tem sido fecundas em resultados, o quanto eles tem merecido a atenção do legislador, não o provam somente a intuição e o raciocínio prova-o a história da Europa e em geral dos países cultos, onde desde tempos remotos, desde o primeiro bruxulear do espírito moderno. (...) ⁹⁷

Pedro Américo lançou seus projetos, mas seus próprios colegas políticos questionaram que a população não tinha recursos para enfrentar tais gastos, mesmo assim, Pedro Américo argumenta que a educação é um fator fundamental para o desenvolvimento da nação, ficando muito surpreso com a falta de visão dos demais deputados que administravam o país. Porém, Pedro Américo não ficou apenas na criação das universidades, ainda restaram o Teatro Nacional e a Galeria de Artes.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 114

Falarei igualmente da necessidade da criação de um Teatro Nacional, incentivo para o desenvolvimento da literatura dramática, e de outros ramos da literatura, expressão suprema a nacionalidade consciente de um povo. Lembrai-vos-ei a criação de uma Galeria Nacional de Pintura e Escultura, a qual se abriguem as primícias do gênio brasileiro, e os poucos restos da arte tradicional que possuímos e se vão perdendo.⁹⁸

Para Argentina, a criação de uma Galeria de Pintura e Escultura, defendida por Pedro Américo, seria para que ela funcionasse desvinculada da Academia Imperial de Belas Artes. Esta seria para ele a maneira mais segura de garantir que a galeria cumprisse com uma de suas funções principais, que é a de expor obras artísticas independentemente do estilo, da escola e da época em que foram realizadas. A criação dessa galeria poderia servir ainda de incentivo para a criação de uma dessas em cada Estado, o que facilitaria a descoberta de novos talentos e levaria conseqüentemente, à popularização da arte e do artista em lugares que não fossem a apenas a capital.⁹⁹

Com isto, o deputado estava pensando em amenizar as dificuldades que a maioria dos jovens enfrentavam ao se tomarem um artista. Muitos ficavam impedidos de desenvolver o seu talento, não somente em virtude os estado de pobreza em que se encontravam, mas principalmente pela inexistência de qualquer amparo institucional em suas cidades, pois com certeza o pintor sentiu na pele o que é nascer num estado desfavorável e em seguida, ter encontrado alguém que reconhecesse as suas aptidões. Na realidade, Pedro Américo ao pensar nesse projeto, lembrou-se desses momentos e também de quanto fora importante essa ajuda.

Pensando assim, a galeria tinha dois fatores significantes: A da valorização do trabalho dos artistas, e a da educação da população, ampliando o conhecimento em relação à cultura e aos objetos artísticos. E prossegue acrescentando:

A respeito da criação de uma Galeria de Belas Artes, senhores fora escusado procurar demonstrar aqui o quanto importaria, não somente para a arte, que não tem uma função determinada no sistema da nossa civilização, mas ainda para a formação do nosso gosto público, para o desenvolvimento intelectual da mocidade, e até para afervorar o patriotismo, a fundação desse estabelecimento, onde o cidadão iria contemplar a imagem do antepassado, o fato histórico que ilustrou a pátria, a impressão que grandiosa natureza sul-americana produziu na alma do artista, e enfim tudo quando merece a atenção de um povo que desde

⁹⁸ Ibidem, p. 113

⁹⁹ Ibidem, p. 114

*os tempos coloniais nunca deixou de desprezar o que é indígena e nacional, para endeusar e adorar tudo quanto traz a marca da importação.*¹⁰⁰

Percebemos que Pedro Américo possuía uma idéia de educação que se assemelhava aos moldes europeus, pois tudo o que ele entendia sobre educação fora uma experiência vivida na Europa. No entanto, era a partir da educação européia que o pintor encontrava a solução para o atraso educacional. Algo que não podemos ignorar é o fato de Pedro Américo conseguir enxergar com olhos críticos, o modo como os governamentistas tratavam os problemas brasileiros, conseguindo dar a estes, soluções plausíveis. Porém, não foi isto o que ocorreu quando este queria implantar, na educação brasileira, uma realidade estrangeira.

Pedro Américo voltou-se para a criação de universidades, como se aquele fosse o único problema no país. Não pensou, por exemplo, que para se ter acesso a uma universidade, no final do século XIX e início do século XX, era necessário se ter um bom ensino básico, e o acesso a educação era prioridade de poucos. Pedro Américo quis enfatizar uma realidade em detrimento de outra ainda maior, que era a grande taxa de analfabetismo vigente no país, e o baixo grau educacional da maioria da população.

Seus colegas de parlamento não conseguiram compreender as idéias de Pedro Américo, como também não observaram de forma crítica as mais profundas necessidades do país, e por isto só conseguiram argumentar que o governo não teria recursos para a construção de várias galerias espalhadas por todo o país. Foi por isto que o então deputado Moraes de Barros refutou as idéias de Pedro Américo, interrompendo sua fala, dizendo que o governo não podia sustentar luxos de galeria. Pedro Américo respondeu:

*Como luxo de galeria? Pois, uma galeria histórica é uma instituição meramente de luxo? Se ele o é, então também o são as Escolas de Belas Artes, as bibliotecas, os museus de história natural, e finalmente todas as instituições materialmente improdutivas. As galerias de pintura são, ao contrário tão positivamente úteis, de tal significação na ordem das idéias que não há país culto em que elas faltem.*¹⁰¹

Mais uma vez, o deputado Moraes de Barros questiona que o país não teria

¹⁰⁰ Ibidem, p. 115

¹⁰¹ Ibidem, p. 116

dinheiro para a construção dessas galerias. Então, novamente Pedro Américo, justifica sua preocupação:

Não temos para que é levado a nobre: temo-lo em abundância, todas as vezes que, em lugar de 20 ou 30 contos para um objeto honesto e útil, se exige milhões para o que é extravagante e problemático. Se o Estado não tem meios para sustentar uma instituição modesta, que seria a um tempo um insigne exemplo no meio da corrupção geral e um incentivo para as vocações especiais se desenvolverem e produzirem seja conseqüente e lógico e concludente, já abrindo não de tudo quanto é ensino artístico, já declarando que se acha dispensado da alta missão moral que atribuímos.¹⁰²

De acordo com a fala do autor Pedro Américo, o país não tem dinheiro para concluir o que é de necessário para a nação, mas tem dinheiro suficiente para gastar com coisas irrelevantes em benefício dos políticos.

Segundo Argentina, no dia 25 de julho, Pedro Américo inicia o seu discurso abordando as dificuldades financeiras da Paraíba e consegue aprovar um crédito de 1.000:000 contos de réis para aquele Estado. Logo a seguir, passa a defender o projeto da criação do que denominou de Teatro Normal. A defesa de que esse projeto representava uma aspiração nacional e não o desejo pessoal de um parlamentar foi apresentado nos seguintes termos:

Para o provar da moral citarei o seguinte tópico da última mensagem presidencial, isto é, de um documento importante, em cuja confecção colaboraram cidadãos tanto quanto nós conhecedores da situação a um tempo, intelectual e financeiro do país: "A expansão das artes não é ainda no Brasil tanto quanto possa desejar um povo verdadeiramente culto e progressista; e seguro estou que não olvidarei esse assunto, do qual são inspiráveis a criação e manutenção do Teatro Nacional, medida aliás por tanto tempo aspirada e discutida. Espera o Governo que a vossa intuição sobre esta matéria dotá-lo-á de meios de criar e prouver tão útil instituição. Eis, senhores, a palavra do governo, o qual repito, não se compõe de cidadãos ignorantes dos apertos do tesouro Enem também dos artistas ou dramaturgos, interessados na realização da idéia. Não se trata, pois, de um objeto inoportuno de um assunto puramente contemplativo, trata-se, ao contrário, de satisfazer uma necessidade nacional, de decoro público, e de altas conveniências da nossa vida intelectual e moral."¹⁰³

O segundo discurso de Pedro Américo também se referia à educação, pois tinha como matéria principal à educação de cunho moral e de saúde pública, e objetivava a cobrança de um tributo rigoroso aos jogos de azar, as loterias, bem como

¹⁰² Ibidem, p. 116

¹⁰³ Ibidem, p. 118

aos que participavam ou promoviam as corridas de animais. Previa ainda proibição das corridas de touros.

O último projeto do pintor, por sua vez, propunha a mudança da capital da república para outro Estado. Neste caso, a alegação principal deveu-se, segundo o parlamentar Américo, ao fato da degradação estética e ética a que tinha chegado a cidade do Rio de Janeiro.

O período de 1890 a 1894 foi um dos mais conturbados, com seus trabalhos na Assembléia Legislativa sendo constantemente interrompidos, pois a doença o obrigava a fazer várias viagens a Europa para se tratar. Seus últimos anos de vida foram marcados pelo sofrimento. Terminou seus dias de vida em sua casa na Via Pier Capponi, na capital da Toscana.¹⁰⁴ Faleceu em 7 de outubro de 1905, aos 62 anos de idade, sendo seu corpo embalsamado e enviado para o Brasil, chegando no país no dia 28 de abril de 1906, e sepultado no dia seguinte.

O inusitado em toda essa história é que o corpo de Pedro Américo somente chegou à Paraíba 37 anos depois, na ocasião de seu centenário de nascimento. Martins diz que o seu sepultamento aconteceu no dia 27 de abril de 1947, num mausoléu especialmente preparado. Conta-se que depois que o caixão foi aberto, o corpo do pintor se mostrava quase intacto, estando apenas o lábio afetado.¹⁰⁵

Pedro Américo foi reconhecido em morte pelo país e, principalmente por sua cidade natal, que utilizou a marca do pintor para divulgar o turismo, a cultura e a arte de Areia. Os autores que o biografaram também contribuíram para que a figura e imagem de Pedro Américo se tomassem lembrada em memória, seja elogiando a sua trajetória de vida, seja criticando as formas como o pintor atuou em suas considerações com o seu povo.

Pedro Américo ganhou bastante fama após a morte e quem ganhou até agora com a sua imagem, foi à cidade de Areia e o Estado da Paraíba. Seu nome é também nome de uma rua de Areia e sua casa agora é uma “Casa-Museu”. Sempre que algum turista nacional ou internacional visita à terra natal de Pedro Américo, seu nome é um dos primeiros a ser mencionado e sua casa é logo dada como referência de visitaçãõ.

¹⁰⁴ MARTINS, op. Cit. p. 108

¹⁰⁵ Ibidem, p. 109

Morto, Pedro Américo não é mais o mesmo, pois seu nome é “marca”, suas biografias são usadas para enaltecer a “grande” figura que ele foi quando em vida. Vida marcada por constantes altos e baixos. Apesar da fama, Pedro Américo não conseguiu ter uma vida estável, seus biógrafos sempre acentuam que até a sua velhice, continuou com poucos recursos. Até pouco tempo depois de sua morte, Pedro Américo ainda não possuía o reconhecimento que possui hoje. Com o passar do tempo, a sua figura foi redescoberta, tomando-se emblemática para Areia e a Paraíba. Afinal, a morte atenua, purifica e imacula o nome. A imagem figurada se resplandece, e seu nome então é engrandecido para que todos o reconheçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho podemos perceber que Pedro Américo de Figueiredo e Melo foi um personagem de muitas faces no panorama cultural do século XIX, e é por causa dessas muitas faces que é muito difícil de ser “explicado”. Indivíduo atuante no cenário artístico, filósofo, professor, romancista e parlamentar, observamos em seus discursos e através da leitura feita das narrativas realizadas pelos biógrafos, que o artista areiense tinha traços de singularidade que não advinha necessariamente da seriedade com que debatia sobre os temas mais cadentes nem mesmo da amplitude e profundidade com que formulava seus argumentos e apresentava soluções para o problema de seu país. A sua singularidade reside na orientação humanística, tratamento dispensado à temática da educação. Quando parlamentar, criou vários projetos que visavam contribuir com a educação, como a criação de universidades já que ele considerava a educação como a mais importante instituição formadora da nação.

Pedro Américo devotou toda a sua vida, de modo sistemático e permanente, à arte, já que foi por meio de seu trabalho artístico que foi descoberto em Areia por estrangeiros e teve seu nome reconhecido mundialmente. Arriscamo-nos a afirmar que a participação que teve na política não partiu de sua vontade pessoal e sim da insistência de muitos colegas para tentar ocupar o cargo de deputado federal na Assembléia Constituinte. Tendo sido o mais votado naquele período, não pelas suas propostas de político, já que ele não pleiteou a sua candidatura, não fez comício, até mesmo porque se encontrava ausente do país, a população paraibana elegeu Pedro Américo pelo fato dele ser um homem conhecido mundialmente e por ser um indivíduo ligado ao imperador D. Pedro II e, por ter estudado na Europa. Foram estes os aspectos que justificam a estadia do pintor na política paraibana.

De acordo com o material aqui analisado, fica clara a importância que Pedro Américo atribuía às atividades educativas, artísticas e políticas especialmente nas suas reflexões sobre a função social e o papel institucional que essas atividades executadas desempenhavam nas sociedades letradas, como o mais importante instrumento de inclusão e de promoção das camadas sociais historicamente excluídas.

Pedro Américo foi um indivíduo descrito nas narrativas como um ser humano desprovido de defeitos, dotado de qualidades únicas, um menino com o destino marcado para se tornar um cidadão de destaque, através da pintura. Percebemos que seus estudos na Europa desenvolveram intelectualmente, culturalmente e politicamente. Com a aquisição de um poderoso repertório cultural, Pedro Américo, se destacou como excelente orador em seus discursos proferidos na Assembléia, perante os políticos letrados, encontrando-se no mesmo patamar intelectual de seus adversários, sabendo utilizar o dom das palavras para alcançar seus objetivos na propositura de seus projetos voltados à melhoria cultural do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Horácio de. Pedro Américo. **Potente Engenho da Pintura**. João Pessoa. União Editora. 1943.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**. 2º ed. João Pessoa. Editora Universitária. UFPB, 1980.

ALMEIDA, Horácio de. **Notícias Biográficas**. João Pessoa. Editora União, 1943.

ALCASTRO, Luis Felipe. **História da Vida Privada do Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo, 1997.

BARROS, Francisco Argentina Góis Barros. **A Arte como Princípio Educativo**. Uma Nova Leitura Biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo. Fortaleza, Ceará. 2006.

BORGES, Vovy Pacheco". **Grandezas e misérias da Biografia**". IN: Ferreira, M. de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **"A ilusão biográfica"**. IN: Ferreira, M. de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2001.

LEVY, Giovanni. **"Usos da Biografia"**. IN: FERREIRA, M. de Moraes & Amado, Janaina (orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2001.

MARTINS, Lincoln. **Pedro Américo pintor Universal**. Rio de Janeiro: FBB, 1994.

OLIVEIRA, José Manoel Cardoso de. **Pedro Américo, sua vida e suas obras**. Brasília. Ed. Senado Federal, 1943.

PINTO, Ireneu Ferreira. **Datas e Notas para a História da Paraíba**. João Pessoa. Editora Universitária (UFPB), 1977.

_____ "Usos da biografia" IN: FERREIRA, MARIETA de Moraes & AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Sed. Rio de Janeiro.: Editora FGV, 2002.